

**ANTONIO
CARLOS
VIANA**

**JEITO
DE MATAR
LAGARTAS**



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANTONIO CARLOS VIANA

Jeito de matar
lagartas



Sumário

A Muralha da China
Roteiro da solidão
Jeito de matar lagartas
Amarelo Klimt
Dona Katucha
Cara de Boneca
Florais
Professor Locarno
Nena de cabelos soltos
Cozinha benguela
Lucy in the sky
Balé
Madame Viola faz escova progressiva
Paixão no delta
Cremação
Um traidor
Missa de sétimo dia
A caixa
Salviano
As margens férteis do Nilo
Três lembranças
Enquanto espero
Reencontro
Tia Lala
Maria Montez
Batatas bravas
Gedeão

A Marta Garcia, Reinaldo Moraes e Heloísa Jahn.

Ao dr. Jorge Taqueda, que entende da dor.

A Cacilda, por tudo.

Não há devassidão maior que o pensamento.

Wisława Szymborska

A Muralha da China

Nossa mãe tinha avisado: “Façam de conta que Lelo ainda está vivo, conversem com dona Irene, fiquem como se ele fosse chegar e que vocês foram lá só pra brincar com ele”.

Eu e Vivi ficamos apreensivos, não sabíamos mentir, assim nos ensinaram na escola, assim meu pai tinha nos ensinado também. Chegamos lá e perguntamos por Lelo só por perguntar, porque a gente sabia que nunca mais que ele fosse voltar pra brincar com a gente.

Dona Irene disse que ele tinha viajado com o pai e que iam voltar pro almoço, por isso ela tinha feito rabada, o prato preferido dos dois. Mandou que fôssemos pro quarto de Lelo e podíamos brincar com o que quiséssemos.

Nosso sonho era montar a Muralha da China. Sentamos na cama de Lelo, sentimos o seu cheiro, aquele cheiro forte, ardido, o que ia sobrar dele mesmo, depois de tudo. Vivi pegou o quebra-cabeça e começou a montar. Eram muitas peças, que Lelo montava em poucos minutos. Era seu quebra-cabeça preferido. Ajudei minha irmã a ir montando a muralha, mas o pensamento não saía de Lelo e de seu Vicente. Vivi se saiu com uma besteira tão grande: “E se Lelo estivesse subindo agora aquela escadaria?”. “Que besteira, Vivi, Lelo está morto e alma não sobe muralha nenhuma”, eu disse baixinho, pra dona Irene não ouvir.

Tudo aconteceu num acidente de ônibus, que caiu numa ribanceira de um rio em Minas Gerais, Lelo e o pai morreram na hora. A notícia chegou primeiro lá em casa, pra gente ir preparando dona Irene, porque ela sofria do coração. Minha mãe e meu pai estavam tentando criar uma história comprida pra poder chegar lá e dizer a ela o que tinha acontecido, só não podia ser de supetão.

A manhã já tinha se passado e nada de meus pais chegarem com a notícia. A muralha era mesmo difícil de fazer. Melhor que a gente tivesse pegado o Taj Mahal. Sem Lelo, impossível encaixar tantos pedacinhos, todos muito parecidos.

Quando deu meio-dia, dona Irene veio nos oferecer almoço. Ela disse que Lelo e seu Vicente logo, logo, chegariam. Ficamos com pena, ela tão alegre, nos tratando tão bem, como sempre. Colocou mais dois pratos na mesa. A rabada cheirava

como nunca, o cheiro do agrião entrava pelo nariz e descia pela garganta, enchendo minha boca de água.

Dissemos que não queríamos comer, já íamos pra casa, nossos pais estavam nos esperando. Nesse momento, meus pais bateram na porta, e meu coração afundou no peito a ponto de me fazer largar mais um pedacinho da muralha. Eu queria fugir dali antes de dona Irene começar a se desesperar, e nós também, não íamos aguentar o desespero dela sem cair no choro. Minha irmã já estava com cara de tristeza quando nossos pais entraram. Dona Irene recebeu os dois tão bem que a gente ficou pensando como eles iam atalhar aquela alegria com notícia tão triste.

Dona Irene se admirou daquela visita assim, disse que era um milagre receber pessoas tão importantes àquela hora. Nossos pais eram os líderes da comunidade. A rabada cheirava cada vez mais. Eles se sentaram no sofá meio rasgado pelos dois gatos que dona Irene criava: Jujuba e Pretinho. Eu e Vivi quisemos voltar pro quarto pra terminar a muralha, mas a curiosidade foi maior, e ficamos.

Dona Irene foi buscar mais dois pratos e colocou na mesa. Disse que seu Vicente e Lelo não demorariam a chegar, já estava até passando da hora, e que a rabada dava pra todo mundo. Meus pais agradeceram, e minha mãe disse que o nosso almoço também já estava pronto.

A cara de meu pai estava fechada, minha mãe fazia um esforço enorme pra se manter simpática. Por onde começariam? Falaram de novela, de balas perdidas, de bandidos e polícia. Eram esses os assuntos mais conversados ali. Fora disso, só a raiva que todos tinham do governo que não fazia nada por ninguém, só roubava e ainda ajudava a roubar.

Eu já estava agoniado porque dona Irene era daquelas que falam sem parar, sem dar brecha pros outros dizerem qualquer coisa. Ela disse que ia botar nossa comida, depois punha pro marido e pro filho, que já estavam chegando. O cheiro já tinha tomado conta de toda a casa.

Minha mãe perguntou por que a rabada de dona Irene cheirava tanto, e ela disse que era um segredo só dela. Meu pai falou que rabada só era bom com uma cachacinha de lado. Dona Irene disse que tinha cachacinha: “Vicente sempre tem um garrafão de vinho que ele enche de cachaça que traz das viagens a Minas”. Meu pai pediu uma dose. Vi que ele estava procurando um jeito de dar a notícia, alongando o caminho. Ele derramou um pouquinho pro santo e, vapt, engoliu de um trago só. Minha mãe disse que ele ia pegar a vigia de tardinha. “Veja lá se não vai me fazer o favor de perder o emprego”, ela falou. Meu pai elogiou a cachaça, da boa mesmo, seu Vicente tinha bom paladar. Quando falou no nome do morto pensei que ele fosse engatar o assunto, mas não. Pediu mais um copinho e engoliu na mesma rapidez, dessa vez sem a dose do santo.

Minha mãe resolveu ganhar tempo e disse que ia servir mesmo um pouco de rabada pra gente. Colocou a polenta, os ramos verdes de agrião por cima, um pedaço bom de rabada pra cada um e lambeu um respingo no dedo. Enquanto isso, meu pai bebia mais e mais cachaça, minha mãe advertindo pela décima vez que ele não lhe fosse perder o emprego. Ele já estava vermelho, ele ficava de uma vermelhidão assustadora quando bebia. De repente, ele falou: “Dona Irene, Vicente...”, mas parou por aí mesmo.

Eu e Vivi pensamos em comer mais porque aquela rabada ia terminar era no lixo quando dona Irene recebesse a notícia. E seu Vicente e Lelo não iam comer mesmo nunca mais. Minha mãe parece que entendeu isso e botou mais dois pedaços no nosso prato, e ainda assim ficou muita rabada. Dona Irene falou que a gente podia comer à vontade, ela tinha feito além da conta naquele dia.

Já eram quase duas horas e nada de meus pais darem a notícia. Até que minha mãe falou assim: “Dona Irene, a vida nos apronta cada uma...”, minha mãe sempre com seus pronomes em tudo que falava. Era professora de português o tempo todo. Dona Irene quis saber o que a vida tinha aprontado pra minha mãe. Ela disse: “Nada, não, falta de assunto”. Meu pai não parava mais de beber a cachaça de seu Vicente porque acho que ele também pensou como eu e Vivi, seu Vicente nunca mais que fosse beber nada.

De repente, dona Irene ficou pálida, foi se sentando, disse que tinha sentido uma coisa ruim por dentro, que a gente não era de fazer visita assim tão demorada, ainda mais ao meio-dia, que meu pai contasse logo, e começou a chorar desesperada, toda se tremendo. Meu pai então contou que seu Vicente e Lelo iam chegar, mas era dentro de um caixão. Pior jeito de dar uma notícia não tinha, mas foi assim que ele falou. Dona Irene emborcou no sofá, desfalecida, botando Jujuba e Pretinho pra correr. Minha irmã parou de roer um dos ossinhos que tinha sobrado em seu prato, e a Muralha da China ficou lá no quarto, pra sempre inacabada.

Roteiro da solidão

1.

Um dia você acorda sozinho, sem ninguém no mundo, o telefone não toca e o silêncio toma conta de tudo. Foi num dia assim que dona Ineide começou a se desesperar. Às vezes cantava só para sentir que ainda tinha voz. O marido morrera, os filhos se foram e, de repente, ei-la sozinha naquele casarão. Depois de muito pensar, resolveu colocá-lo à venda, não para ir morar num apartamento, mas apenas para ter alguém batendo à sua porta, convidar para entrar, tomar um café e entabular negociações em que ela não estaria nem um pouco interessada.

2.

Os interessados começam a aparecer. Dona Ineide fica muito feliz, toma novos ares, come melhor. Até um pouco de maquiagem ela passa a usar, coisa simples, um pó compacto, um batom leve. Está velha, mas ainda tem alguma vaidade. Não tem medo de assaltos, porque também não tem nada de valor em casa. As joias, deu-as todas para as filhas e noras.

Desde então, a manhã de dona Ineide tem se ido numa rapidez espantosa. A tarde é sempre mais preguiçosa, mais demorada. Liga a tv e já nem presta mais atenção nos comentários feitos por aquela apresentadora de voz enjoada e fraquinha. Os programas são sempre ruins, ela sabe disso, mas o som da tv é sempre uma boa companhia. Têm aparecido mais homens que mulheres interessados em comprar seu casarão. Ela dá um preço irreal, alguns tentam entabular negociação, outros desistem logo. Dona Ineide abre o sorriso ainda perfeito para alguém de sua idade e diz: “Que pena, pense bem, o local é ótimo, precisa só de uma boa pintura”. Claro que é mentira. O casarão está muito escalavrado. Os janelões da frente precisam ser trocados, o portão está comido pela ferrugem, o reboco do muro precisa ser refeito, os pés de parede necessitam de um bom cimento. Desde que começou a receber visitas, dona Ineide prepara a comida durante a noite para não perder nenhum visitante. Pior coisa não há do que

suspender a conversa para ir ver uma panela no fogo, a conversa perde força e não volta a engrenar.

3.

Quem coloca a casa à venda está sujeito a tudo. Mas não pensem que foi ruim o que aconteceu com dona Ineide. Um dia um tal de Luís Rabelo marcou encontro. Estava muito interessado em comprar a casa para abrir um cursinho. Na mesma hora ela teve um clique. Seria o mesmo Luís Rabelo de sua adolescência, sua paixão de colegial? Platônica, é bom frisar. Uma paixão só dela, que ele nunca soube. Era o rapaz mais bonito de sua época. Morava numa casa de andar no bairro dos ricos, por onde ela passava todos os dias só para vê-lo. Nem sempre o via, porque ele passava o tempo todo estudando. Além de bonito, era o melhor aluno do colégio. Nunca se atrevera a lhe dirigir a palavra, tinha até medo, porque a fama de gênio que o acompanhava a assustava mais que a riqueza do pai, fazendeiro dos antigos.

4.

Luís Rabelo. Era o próprio. E dona Ineide só faltou ter uma queda de pressão diante daquele homem de cabelo completamente embranquecido, embora o rosto fosse o mesmo sob as rugas. O olhar continuava também o mesmo por trás das lentes limpíssimas dos óculos, mas parecia ter algo mais puro, sem os ares de sabedoria do jovem que ela conheceu. Nem acreditava que agora ele finalmente olhava para ela. Ela sabia que ele nunca a tinha olhado. Ela sabia tudo da vida dele. Acompanhou o casamento na catedral com a filha de um político poderoso, a cauda imensa do vestido tomando todo o corredor, o coro dos meninos órfãos dando o tom da festa. Dona Ineide tomou também seu caminho, mas de mulher pobre. Casou-se com um caminhoneiro, coisa de que jamais gostou. O marido vivia pelas estradas pegando qualquer mulher e transmitira-lhe uma doença da qual ela nunca mais se livraria. Isso não tinha perdão. Conformou-se com a vida que teria ao lado de seu Pedrito, enquanto a outra, a bela diva das crônicas sociais, aparecia em navios pelo mundo afora, diante da Torre Eiffel, do Taj Mahal, da Cidade Proibida. Os jornais viviam publicando a foto da tal, e aquilo dava uma inveja desmedida em dona Ineide, a ponto de ela pensar em se separar de seu Pedrito e ir tentar ser a outra de seu Rabelo. Sua educação, porém, não a deixava fazer isso. Sorte que seu Pedrito era homem de tino e, com poucos anos de trabalho, já era dono de uma frota de caminhões que cruzavam o país levando e

trazendo mercadorias de todo tipo.

5.

A vida e seus descaminhos. Um dia dona Ineide recebeu a notícia que mais temia: um acidente fatal com seu Pedrito na BR-101, perto de Milagres. Nesse tempo a cidade já tinha crescido muito. Luís Rabelo sumira, nunca mais ela tivera notícia dele e de sua bela mulher. Até que, naquela manhã, ei-la diante dele, toda penteada, um pó no rosto, um batom mais vivo nos lábios. Só não fizera as unhas. Luís Rabelo entrou, sentou-se na melhor poltrona, a que ela indicou. Ele, apesar de velho, mantinha-se bem aprumado, como se ainda fizesse academia, todo espigado, nenhuma barriga, como se apenas o rosto tivesse envelhecido.

6.

Seu Rabelo gostou da casa, achou o preço muito alto, mas dona Ineide tinha dado mesmo um preço altíssimo só para ele ficar mais, negociando. Ele olhou tudo, achou que precisava de um bom trabalho de restauração, janelas, janelões, os ladrilhos do banheiro e da cozinha falavam por si só de uma época em que não se usava nada branco porque ficava parecendo parede de hospital. Eram de um colorido feio, entre o rosado e o marrom, com desenhos geométricos mais feios ainda. Ia gastar muito dinheiro e não valia a pena, ainda mais no centro, tão desvalorizado. Ele pretendia abrir um cursinho para estudantes de baixa renda. Dona Ineide falou que podiam entrar num acordo. “Quem sabe o senhor volta pra casa, pensa, volta na outra semana e a gente conversa melhor?”

7.

Seu Rabelo voltou na semana seguinte. Ficou sabendo então que ela tinha sido casada com Pedrito. Os dois tinham sido colegas de Salesiano, e ele relembrou coisas da adolescência. Pedrito era o mais malandro da turma, jamais quis estudar e, no entanto, foi o que se deu melhor, dono de uma frota de caminhões. Ele sabia da riqueza de seu Pedrito e achava que dona Ineide era muito humilde para a riqueza que ele devia ter deixado. Pela primeira vez na vida ela se abriu com alguém, falou que jamais fora apaixonada pelo marido, era apaixonada por outro, mas não disse quem. Falou dos filhos criados com rédea curta e agora tudo era dela. Seu Rabelo falou que com ele foi diferente, o pai ajudou-o a abrir um colégio, mas ele não se adaptou aos tempos modernos e terminou fechando. A mulher o trocou por outro, porque mulher não gosta de homem sem conta bancária

fortalecida. Aquilo deu uma esperança muito grande à dona Ineide. Ela tinha alguma chance ainda.

8.

Agora, toda semana, Luís Rabelo ia à casa de dona Ineide. Sempre levava queijo de coalho de presente, que ela adorava. A fazenda do pai ainda existia, mas sem a força do passado. As negociações iam bem, mas parecia que ele estava agora pouco interessado no casarão. Dona Ineide mudou, ficou outra, cortou o cabelo, comprou roupa nova, até CD comprou, para um dia ouvirem música juntos, se ele gostasse. Como mulher tem todo tipo de artimanha para conquistar um homem, um dia ele chegou e ela estava ouvindo “Lábios que beijei”, na voz de uma cantora da nova geração, presente que a filha lhe dera no aniversário, só por essa música. Quando seu Rabelo chegou, ela estava ouvindo e perguntou se ele se incomodava de deixar o CD tocando. Ele falou que era também uma de suas músicas preferidas. Ouviram em silêncio, e ela foi lá dentro enxugar as lágrimas que sempre surgiam ao ouvir aquela música. Quando voltou, ele perguntou quem era a cantora, e ela leu na capa do CD que era uma desconhecida, pelo menos dela. Ele ficou silencioso, percebeu a emoção de dona Ineide e falou que a música o deixava também emocionado. Relembrou os velhos tempos, quando era jovem, que só pensava em estudar, mas hoje achava que muito estudo não traz felicidade para ninguém. Ali estava a prova, seu Pedrito mal tinha tirado o ginásio e a deixara bem de vida. Contou dos gastos da ex-mulher nas viagens pela Europa, da quantidade de malas que levava, do sufoco nas alfândegas. Dona Ineide teve ciúmes da outra, cujo nome ela fazia questão de esquecer, embora ele tivesse falado tanto de Maria Celi naquela manhã.

9.

Na semana seguinte seu Rabelo não apareceu, nem nas outras e outras. Dona Ineide ficou perdida. Era a primeira vez que se sentia perdida depois de colocar a casa à venda, como se a visita de seu Rabelo fosse o calço de suas manhãs, que agora ela tratava de preencher com programas bobos, como aquele cheio de fofocas sobre astros e estrelas da tv, ou aquele outro sobre dicas de saúde e culinária. Dona Ineide comia tudo que os apresentadores diziam que fazia bem, sobretudo o que fosse bom para a vista e os dentes. Sem bons olhos e bons dentes, a vida não tem sentido, ela costumava dizer para si mesma.

10.

A solidão depois do sumiço de seu Rabelo piorara muito. Os filhos continuavam distantes, nunca a visitavam, e os netos quando vinham a irritavam tanto que ela preferia não vê-los, cada um às voltas com seu celular.

Depois de seu Rabelo, ela havia despachado os possíveis compradores, dizendo que a casa já estava apalavrada. Já havia até retirado a placa de “Vende-se” do jardim e jogado na casinha de ferramentas.

11.

A inquietação passou a ser a norma dos dias de dona Ineide. Nenhuma notícia de Luís Rabelo, que ela já considerava seu. Ligava o rádio, ligava a tv, na esperança de que dessem alguma notícia dele. Afinal, ele tinha sido um homem importante, dono de colégio, devia ser ainda muito conhecido. Pensou em ligar para o celular que ele tinha deixado, mas teve medo de uma notícia ruim. Ele era hipertenso, diabético e já havia passado por dois cateterismos. Ela era até saudável, não fosse também a hipertensão supercontrolada com os comprimidos diários. Os dias sem seu Rabelo ficaram difíceis de suportar.

12.

As semanas se passaram e seu Rabelo sumiu de vez. Ela ficou pensando em alguma palavra a mais que tivesse dito, mas sempre fora muito cuidadosa com o que dizia. Foi tudo depois da música. Homem é bicho sestroso, quer ser conquistado mas não gosta da conquista explícita, e aquele “Lábios que beijei” era explícito demais. Vai ver ele não queria mais nenhum compromisso, morar com mais ninguém, parecia desesperançado de encontrar alguém que o aceitasse em sua pobreza e em suas doenças. Mas ela estava disposta a cuidar dele, faria um bom café de coador, coisa que todo homem gosta. Só ficava tensa quando pensava nos dois na cama, pois ela já não tinha mais nenhuma vontade de se despir diante de um homem, sobretudo porque estava gorda, os peitos derramados pela barriga. Perto da esbelteza dele, ela parecia um bolo de cartolina amassada. Vai ver que foi por isso que ele sumiu.

13.

Até que um dia ela decidiu fazer o que nunca tivera coragem de fazer: ligar para o celular de Luís Rabelo. Temia receber a pior notícia, mas melhor assim do que

ficar naquela espera sem sentido. O telefone tocou, tocou, mas ninguém atendeu. Dona Ineide colocou o telefone de volta no gancho e foi cuidar da casa, que andava no maior abandono.

Jeito de matar lagartas

As lagartas nunca foram tantas como naquele ano. Elas chegavam anunciando o verão. Diziam que, quando eram muitas, o verão seria muito quente e os caju, mais doces. Eram lagartas de uma cor intensa, de um castanho que nunca vi, gordas, bem gordas, e Laércio, o filho de seu Laurentino, o caseiro de tia Marluce, as estourava com o pé, fazendo um ploc que me incomodava.

Tia Marluce, com sua alma de santa, não gostava de matar nada. Ela contava que havia na Índia uma seita em que as pessoas não faziam mal nem a uma formiga. Quando andavam pelas estradas, iam varrendo o chão à sua frente com uma vassourinha para não pisar em nenhum inseto. Ela não fazia isso porque não vivia na Índia, mas, se vivesse, acho que faria. Ela dizia que lagarta também era vida, cobra também era vida, e como vida deviam ser respeitadas, mesmo que dessem nojo e medo na gente.

Laércio estourava as lagartas escondido de tia Marluce, e eu via como ele as estourava com gosto. Dava vontade de fazer igual. E começamos a fazer tudo longe do olhar dela. Ela perguntava o que a gente andava aprontando, o dia todo pelos matos, não dizíamos nada, mas acho que no fundo ela sabia bem o que fazíamos. Sua preocupação era Lídia, a menina que ela criava, nos seus onze, doze anos, toda parrudinha, os peitinhos já apontando e que Laércio chamava de pitanguinhas.

Tia Marluce falava que menina não devia andar pelos matos como menino, mas também não fazia nada para barrar. O dia inteiro ela ficava pelo sítio sempre ao lado de seu Laurentino, porque, dizia ela, se arredasse pé ele fazia tudo errado.

Laércio já era um menino do mundo e dizia umas coisas que deixava Lídia meio sem graça, mas a gente tinha certeza de que ela não ia contar nada a ninguém. Lídia brincava de igual para igual, sem aquela de ser menina. No desespero de matar as lagartas, Laércio de vez em quando gritava: “Minha lagarta está crescendo!”. Eu caía na risada e Lídia perguntava: “Que lagarta?”. Ele falava que não podia mostrar porque ela queimava mais do que lagarta de fogo. Aí caíamos na risada e Lídia fingindo que não estava entendendo nada, mas nós dois sabíamos que toda menina entende, logo ali, naquele sítio, com tanto bicho para ensinar

lição de tudo, de tudo que era jeito. Ela mesma nos perguntou um dia por que cachorro demorava tanto. “Tanto como?”, perguntamos a uma só voz, aí ela desconversou, fez de conta que não tinha perguntado nada.

Logo de manhã cedo saíamos para a nossa trabalhadeira e víamos um monte de lagartas andando embaixo dos cajueiros. Naquele andar lento, elas iam invadindo tudo. Meu medo era que chegassem até os quartos e nos queimassem com seus pelos de um castanho feroso que dava arrepios em qualquer um. Lídia dizia que não tinha medo, tinha nojo. Aí Laércio dizia: “Mas tem lagarta que não dá nojo em ninguém. Quer ver?”. Mais outra gargalhada nossa. Uma vez ele estourou uma com tanta força que o visgo foi cair direto no olho de Lídia. Isso é normal, ele falou, toda lagarta solta visgo. Lídia fez uma cara, não sei se da graça de Laércio ou pelo visgo da lagarta. Tia Marluce que vinha chegando dos matos mandou Lídia lavar o olho com água de mata-pasto, que também era bom para dor-d’olhos.

A verdade é que não dava para ter pena daquelas coisas asquerosas rastejando por tudo que era canto. Eu me perguntava por que existiam coisas no mundo que não serviam para nada, como as lagartas. Só serviam para tirar nosso sossego.

O pior era que o sítio tinha muito cajueiro e as lagartas caminhavam pelos galhos onde só poderíamos subir depois que fossem embora. Para onde iam, ninguém sabia. Diziam que, se elas tocassem em nossa pele, podiam matar, a pessoa perdia o ar, ia sufocando aos poucos e, se não fosse levada logo para o hospital, era morte certa.

O jeito foi cada um de nós aprender seu jeito de matar lagarta. O meu era diferente do de Laércio. Eu gostava de juntar um bocado delas, pegava com uma pazinha, aí elas se enrodilhavam, formavam uma pequena coroa cor de cobre. Eu jogava as lagartas dentro de um saco plástico transparente e amarrava a boca para ver como elas iam morrendo. Algumas morriam logo, mas outras demoravam quase o dia inteiro. Lídia nem gostava de ver. Eu, sim, gostava de ver a morte chegando aos poucos, as lagartas se contorcendo, se contorcendo, até parar de vez. Dava certo encanto, não vou negar, ver os últimos momentos de uma vida, sobretudo se fosse a de uma lagarta. Lídia preferia jogar álcool em cima e tocar fogo, mas tia Marluce descobriu e disse que aquilo era muito perigoso, brincar com fogo nunca deu certo, e ainda mais para matar bichos inocentes. Inocentes? Nós não achávamos. Se bobeássemos, elas nos queimariam feio.

Lídia ficou triste porque gostava de ver a labaredazinha se contorcendo, seguida de um pequeno pipoco. Logo eu e Laércio procuramos um outro jeito para ela se divertir: juntar o maior número possível de lagartas, colocar todas num cesto, levá-las para a estrada e jogar lá. Depois era só esperar uma carroça e torcer para que ela passasse por cima. Assim a gente aliviava a culpa. Era uma alegria muito

grande quando a gente ouvia os pneus fazendo ploc-ploc, e o lugar ficar amarelo de tanta gosma. Os cavalos também matavam, os cascos ploc-ploc. Era nojento, mas era bom.

Passávamos o dia inteiro tão entretidos que tia Marluce nem dizia mais nada e já nem implicava tanto que Lídia passasse o dia quase todo pelos matos. Se não fosse a gente, as lagartas tomariam conta da casa, invadiriam a despensa, a cozinha. Só faltava isso, vê-las entrar nas panelas, se esconder sob nossos travesseiros, nos queimar durante a noite naquele lugar tão deserto. Esse, o nosso maior medo, se uma nos queimasse, morreríamos antes de chegar à cidade.

A luta com as lagartas parecia não ter fim. Era o dia inteiro a gente pegando, eu já tinha enchido não sei quantos sacos. Lídia já estava cansada de jogá-las na estrada, Laércio já tinha esmagado tantas que o solado de sua sandália era uma pasta só. Mas lagarta, assim como vem do nada, se vai do mesmo jeito. Naquela manhã, quando acordamos e fomos direto para os cajueiros com vontade de acabar de uma vez por toda com elas, não vimos mais nenhuma. Tinham desaparecido, como por encanto. Diziam que viravam borboletas. Voltamos para casa sem saber como iríamos preencher o resto do dia. A casa parecia deserta, até que ouvimos um barulhinho vindo do quarto. Quando abrimos a porta, tomamos o maior susto: tia Marluce estabanada debaixo do corpo de seu Laurentino, se contorcendo toda que nem uma lagarta.

Amarelo Klimt

Quando ele contou que, na adolescência, tinha espatifado a cabeça de um gato só porque ele tinha matado seu casal de pombos, o outro, a quem vamos chamar de LR, ficou estarecido. Se aquele homem, que será chamado doravante de MN, tinha tido coragem de fazer isso, então ele era capaz de tudo. LR havia lido que um dos traços do psicopata é não ter pena dos animais, não ter compaixão de nada nem de ninguém.

LR ficou confuso. Não conseguia juntar aquele homem que, ao entrar no carro, só faltou chegar às lágrimas com “Ne me quitte pas”, com aquele outro que matara um gato a pauladas, aos treze anos.

Já no carro, o som a toda altura, MN perguntou a LR:

“Conhece?”

LR respondeu que sim, mas na voz de Maísa.

“Estou perguntando se conhece essa cantora”, MN retrucou.

Não, a cantora LR não conhecia, não conhecia os novos nomes da MPB.

“Maria Gadú”, MN falou, com certo triunfo.

Era a primeira vez que LR ouvia falar no nome dessa cantora e o carro já pegava a direção da casa dele. Como MN descobrira seu endereço seria sempre um mistério.

LR encontrava MN todo dia, por acaso, nas caminhadas, ao longo do calçadão. Era um velho conhecido, mas sem muita aproximação. Trocavam uma ou outra palavra, tomavam água de coco juntos, falavam de política, do tempo, mas nada que os aproximasse tanto a ponto de LR levá-lo para conhecer sua casa. LR era muito reservado, pouco falava de si. Mas MN tinha um jeito especial de conseguir as coisas, e naquele dia LR terminou levando-o para tomar uma água em sua casa.

Assim que chegaram à casa de LR, MN pediu para ir ao banheiro, fizera recentemente uma cirurgia de próstata e andava se mijando todo. Ele falou assim, tentando proximidade, numa linguagem que nada dizia de sua profissão. Era advogado aposentado de um órgão poderoso do governo federal.

Quando voltou do banheiro, MN elogiou os quadros que LR pintava, a casa bem

dividida, o pé-direito alto, as telhas vitrificadas, mas achava grande demais para uma pessoa só. E veio a pergunta que LR não esperava: “Posso passar uns dias aqui?”. Assim de repente, sem preparação, LR ficou meio sem jeito de dizer não. Um de seus defeitos era não saber dizer não. Então falou: “Claro, a casa é grande, tirando o quarto que transformei em ateliê, ainda sobram três”. MN disse que estava se separando, e o melhor lugar para superar o estresse da separação era a praia. “Hotel é um lugar muito frio”, completou. E ainda disse que não sabia lidar com a solidão. Foi o único momento em que LR viu um pouco de tristeza nas palavras do outro. E MN veio naquele dia mesmo, com duas bolsas Louis Vuitton cheias de roupa e muitos CDs.

Os meses foram passando e, de repente, já era abril. MN tinha chegado em janeiro. Nesse entretanto nunca apareceu ninguém da família dele, e LR começou a desconfiar que ele talvez nem tivesse família. Ou talvez viessem quando ele não estava em casa. LR nunca se interessou pela vida de MN, podia até ser mentira aquela história de separação, ele devia estar testando-o, tomando banho nu na piscina.

O carro de MN era de luxo, um Veloster preto, que faiscava ainda mais a luminosidade do jardim. O que ele mais fez no tempo em que esteve na casa de LR foi polir o carro. Pagava a um flanelinha que vivia ali pela praia para, dia sim, dia não, dar uma lavada, e uma vez por mês um polimento. “Carro preto é uma desgraça”, dizia MN, “qualquer poeirinha aparece logo”.

No começo, MN ainda dividia as contas do mês, o ar ligado a noite inteira e, mesmo nos dias mais quentes, o banho morno era demorado. LR se sentia incomodado com aquela presença. Não gostava mais de caminhar com MN, que falava o tempo todo, não o deixava fazer a caminhada como deve ser, em silêncio e num ritmo constante. Por isso, LR mudou o horário das caminhadas para bem cedo, porque o outro tinha preguiça de acordar antes das nove. “Sou um homem solar”, MN falava, enquanto bebericava o Jack Daniels de LR na maior tranquilidade.

Todos os dias LR saía para fiscalizar suas obras. Era arquiteto. Passou a almoçar na rua mesmo e nem queria saber se MN iria ou não almoçar. Dispensou a cozinheira, ficou só com a faxineira para a casa não ficar pior do que já estava. Dinheiro MN tinha, e de sobra, porque sempre que ia ao shopping, voltava cheio de sacolas de grifes muito caras.

LR e MN só se encontravam à noite, diante da TV. LR pouco falava, enquanto MN comentava as notícias, comentava a novela, só queria ver novela e, pior, se interessava pelo destino das personagens como se fossem seres de carne e osso. LR achava aquilo muito infantil para um homem que ocupara cargos tão importantes

na Justiça. MN adorava ficar mudando de canal, para indignação de LR, que passou a achar controle remoto uma invenção do diabo. Quando estava vendo alguma coisa interessante, MN puf, mudava. LR não queria entrar em conflito com o outro, na sua velha teoria de que tudo passa. Mais cedo ou mais tarde, MN teria de ganhar seu destino. Já estava passando da hora.

LR nunca dera a mínima abertura para MN entrar em sua vida (ou dera?) e ficava com muita raiva quando o encontrava tomando banho pelado na piscina. LR ficava chateado, alguém do prédio em frente que morasse nos últimos andares poderia denunciá-lo por atentado ao pudor. Mas MN fazia de conta de que não tinha escutado nada. Continuava nadando, ou abrindo e fechando o macarrão nos exercícios que aprendera na hidro, e depois se estirava na cadeira de plástico, sem nenhum pudor. LR via que ele estava sempre um pouco excitado, embora nunca falasse em mulher. De dentro da piscina ainda gritava com a boca cheia d'água: "Cai também, cara, tira a roupa, deixa de ser travado!". LR fazia que não escutava, ligava o carro e saía, para a pressão não subir.

Aos sábados, vinha uma massagista esfregar o corpo de MN. Ele dizia que era para aliviar uma dor crônica na lombar que ganhara no tempo em que vivia redigindo milhares de pareceres e só melhorava com muita massagem, dando um risinho que deixava tudo muito claro. LR não ia com o jeito da massagista, que se chamava Diva, um mulher bem despachada, sempre num tamancão verde e usando umas bermudas amarelas, cheias de fiapos na bainha e pequenos rasgões nas coxas. Ela subia para o quarto e ficava por um tempo que LR preferia não contar. MN até perguntava se ele não queria provar das mãos de sua Diva, mas LR preferia não se meter com aquele tipo de gente. Tinha muito medo de ser filmado sorrateiramente e de repente se ver nu na rede. MN dizia: "Ela faz milagres, cara, você vai se sentir outro, seu humor vai ficar dez".

LR tomou coragem certo dia e falou que não gostava de estranhos em sua casa, que ficavam conhecendo os pontos vulneráveis e podiam dar a dica a assaltantes. "Deixa de ser tão desconfiado, véi, relaxa, conheço dona Diva há milênios", palavras de MN. E dona Diva ficou indo todas as quintas, quando LR ia vistoriar suas obras no interior. Ele sabia que ela tinha aparecido por causa do cheiro de óleo que ficava no ar, um cheiro forte, como se fosse de óleo de peixe misturado com arnica e alguma flor de perfume adocicado. LR tomou ainda mais ódio a MN por causa daquele cheiro, e pela primeira vez achou que não era difícil qualquer um virar assassino. O gato morto a pauladas ia e voltava em sua cabeça.

Começo de mês, MN ia ver a conta no banco e voltava todo feliz, cheio de sacolas com camisas e cuecas, que abria em cima da mesa para LR ver seu bom gosto. De comida, só comprava besteira, nada de substancial: tâmaras por causa dos

intestinos preguiçosos, castanha-do-pará por causa do selênio, semente de chia, de amaranto, linhaça e goji berry, uma frutinha avermelhada da qual LR nunca tinha ouvido falar. MN seguia as orientações de uma nutricionista de um programa sobre saúde na TV. A última novidade tinha sido óleo de coco. Falou tão bem dos benefícios que LR começou a tomar, e terminou com o colesterol nas alturas e gordura no fígado.

A raiva de LR cresceu por ter se deixado convencer tão facilmente por MN, por ter se deixado dominar por ele. Tinha vontade de perguntar até quando ele pensava ficar em sua casa, mas desistia. LR não suportava mais ver MN saindo do banheiro com os cabelos recém-pintados de um preto aterrador. Parecia uma personagem do teatro japonês, os olhos estufados de tanto dormir, o corpo escuro de tanto sol.

MN nunca tocava no nome da mulher nem dos filhos (eram cinco, todos bem de vida, conforme contou certa vez, casualmente, entre um intervalo e outro da novela). Tampouco falava de como estava indo o processo de separação. Um dia LR tomou coragem e falou que ia receber um casal de São Paulo durante as férias e precisava do quarto. “Mas ainda tem um quarto vazio!”, replicou MN. “O casal vem com os filhos”, disse LR, sem maiores explicações.

MN fez cara de quem não gostou. LR não entendeu por quê, afinal MN dissera que passaria apenas um tempo e já ia quase um ano naquela conversa. “Esse cara é mesmo capaz de tudo”, pensava LR. Vez ou outra o pegava olhando para ele e achava que ele estava pensando num jeito de matá-lo também. Era muito fácil. Bastava empurrar LR na parte mais funda da piscina. Ele não sabia nadar. Mas para que MN ia fazer isso? E LR se acalmava.

MN adorava filmes com muito sangue, membros amputados, gritos de terror que entravam pela madrugada. Tarantino era sua paixão. Pior quando queria imitar a dança de Travolta com Uma Thurman. Mais ridículo só quando punha o boné ao contrário para se proteger do sol, querendo dar uma de jovem.

Na noite em que LR pediu o quarto, MN subiu mais cedo, a novela ainda nem tinha terminado. Não disse nem boa-noite. Por precaução, LR, quando foi dormir, passou a chave na porta do quarto. Ao sair pela manhã, MN ainda não tinha acordado. LR achou que ele tivesse ido embora, mas ao ver o carro perdeu toda esperança. Não gostava de criar inimigos.

À tarde, quando voltou, o carro de MN continuava lá e a casa no maior silêncio. Vai ver MN tinha ido ao shopping de táxi por causa do trânsito cada dia pior. Por curiosidade, LR foi até o quarto dele. Quando abriu a porta, viu o corpo nu de MN metade fora da cama, os pés tocando o chão. LR entrou e sentiu que ele ainda tinha pulso. Passou por sua cabeça não chamar nenhum serviço de urgência. Podia ser que MN já estivesse bem perto do fim. Mas LR não conseguia ser mau por mais de

cinco segundos e ligou para o SAMU, que não demorou a chegar.

Foram feitos os primeiros procedimentos de reanimação ainda no quarto. MN devia ter tomado uma overdose de soníferos. Levaram-no, então, coberto com aquele lençol dourado. Veio na mesma hora à cabeça de LR uma lembrança muito forte das pinturas de Klimt. Quando a ambulância partiu, ele subiu até o ateliê e começou a limpar os pincéis. Fazia muito tempo que não pintava.

Dona Katucha

Era diabólico o olhar de dona Katucha. Ela olhava um homem como se dissesse: “Vem, fode comigo, vem”. Não havia um que resistisse ao seus encantos, e ela ficava toda feliz. Mas agora, entrada nos sessenta, anda numa tristeza que ela mesma estranha. Antes, ao caminhar pela praia, era um monte de homem a olhar suas coxas e sua bunda, seu maior trunfo, e agora nenhum homem dava aquela paradinha para admirar tanta beleza.

“O que faço?”, perguntou ao terapeuta.

“Nada, dona Katucha, o envelhecimento traz muitas sequelas, é normal, coisas da vida. Essa é apenas a primeira e a mais simples.”

Mas dona Katucha não se conforma. Cada dia se acha mais gostosa, os cabelos sempre voando, longos, caindo sobre os ombros, belos cachos negros que ela começou a tingir desde que viu os primeiros fios brancos a desafiá-la. Como Sansão, ela acha que uma de suas forças de atração está na cabeleira. Quando vê um homem que lhe agrada, tem um jeito de dar uma sacudida nos cabelos de um lado para o outro e, em questão de segundos, ele está a seus pés.

Os biquínis, em vez de sumirem de seu guarda-roupa, ganharam tamanhos cada vez mais reduzidos. Uma vergonha, cochicham as amigas de praia quando a avistam de longe. Dona Katucha nem aí. “Tenho de aproveitar os últimos dias de Pompeia”, diz. Ela só não anda gostando muito é da bunda, que desmorona a cada dia. Se tivesse dinheiro, faria uma plástica moderna que a deixaria igual à de uma atleta de tríplice carpado.

Dona Katucha olha-se no amplo espelho do quarto e vê sinais de celulite e as bochechas da bunda derreando igual às próprias bochechas. Logo a bunda, seu cartão de visita. Quando bota aquele biquininho cor-de-rosa com um laço azul de cada lado, é seu teste de audiência, nunca volta para casa sozinha. Escolhe o que quer. Os cabelos, como sempre, esvoaçando debaixo do sol atordoante de sua terra querida. No fundo, é o conjunto que agrada. Tudo nela é perfeito.

Jamais casou nem quis casar, mas ultimamente, depois que sentiu os albores da solidão, desejou um homem bem gostoso ao seu lado. Mas o quê, um com

sessenta? Ele e ela, com sessenta? Já no meio do caminho? Os questionamentos logo passam. Dona Katucha não gosta dessas perguntas incômodas. “Gosto mesmo é de rosetar”, ela diz em voz alta, com uma risada gostosa, para sair desses momentos de quase tristeza.

Outro sintoma da idade: os amigos e amigas começam a morrer. De vez em quando apaga o nome de um deles do celular. Paulinho, acidente de carro. Rosita, câncer no seio. Laurita, câncer nos ovários, nem dois anos durou. Caio, câncer de próstata. Chorou diante do terapeuta quando morreu seu grande amor de juventude, o dr. Jório, de infarto. Chorou ainda mais quando morreu o próprio terapeuta. Os poucos que restam quase não a procuram mais e, se a encontram na praia, fogem porque devem achar ridículo estar com aquela libertina de cabelos espantados.

Dona Katucha se veste como adolescente, saias curtas, meinhas brilhantes com sapatos altos para dançar nas tardes de domingo no Juazeiro, o melhor forró da orla. As blusas de menininha, lacinhos e laçarotes, só compra roupas em lojas *teen*. “Não tô nem aí”, ela fala quando sabe das críticas. “Vou chegar aos setenta com estas pernas e estas saias curtas e ninguém tem nada com isso.” Toma banho sem sutiã no chuveiro do jardim de sua casa e todo mundo do prédio em frente pode ver, embora seu banho seja sempre às seis da manhã, no verão ou no inverno. Diz que é o banho da longevidade, por isso continua gostosona, como nos tempos de mocinha.

Ainda se lembra como os colegas de colégio passavam a mão e ela gostava. “Nasci pra ser puta, mas o destino não deixou”, ela conta para quem quiser ouvir. Um dia foi chamada pelo diretor: “Katucha, apareça na diretoria”. E o próprio diretor terminou comendo-a no carro dele. Aquela foi a primeira vez com um homem bem mais velho.

Dona Katucha deixara de ser virgem aos quinze, numa época em que as moças só se descabaçavam no casamento. Aconteceu com um rapaz de quem nem gostava. Foi porque achou que ele tinha cara de eficiente, não parecia ser um daqueles que iriam brochar se ela desse um grito. Até já esqueceu o nome do tal. Foi num piscar de olhos, sem dor nem sangue. Adeus, meu cabacinho. Os dois riram para valer. Coisa rara, gozou da primeira vez. Também, com vara tão bonita, qual mulher não gozaria? Antes já tinha feito seus sabõezinhos pelas ruas escuras da cidade. A mãe que se preocupava: “Katucha, toma juízo, não vá me arrumar um netinho!”. Sempre fora muito sabida e antes de descabaçar já tinha experimentado outras vias, dolorosas, porém boas vias. Mas casamento nunca esteve em seus planos. Teve muitos homens, os que quis e os que não quis. “Por mais feio que seja, tem sempre alguma coisa interessante”, ela diz. Dona Katucha

só se arrepende de uma coisa: não ter tido filhos. Estaria mais feliz, caseira, cuidando dos netos. Dos netos? Não, melhor não ter tido filhos.

O que dona Katucha mais gosta de fazer é ir ao shopping. Compra tudo o que pode com sua aposentadoria. Não é muito, mas dá bem para suas extravagâncias. Um café no Pão de Queijo, outro no Café do Ponto, e assim vai ela bebendo um café atrás do outro, por isso tanta energia. Bate pernas por três horas sem o menor cansaço. E depois, o melhor de tudo, uma fatia bem gorda de torta holandesa. Antes de voltar para casa, se olha nas vitrines, sempre se achando gostosa. Já comprou mais, agora só o necessário, sabe que a aposentadoria vai minguando a cada ano. Tem mania de sapatos, já teve perto de uns cem, mas logo se enjoava e dava às empregadas. Tem muita pena das empregadas. Uma boa alma, dona Katucha.

Um dia desses seu coração de bondade extrapolou a si mesmo. Estava sentada na praia, tomando um solzinho para deixar a pele com aquela cor de chamar homem. E veio mesmo um senhor, deitou a bicicleta e sentou-se a seu lado. “Não estou assim tão destruída”, ela pensou. E conversa vai, conversa vem, quando ela olha para o lado, está o homem se estimulando pela boca do calção. Dona Katucha teve pena de atrapalhar o serviço e deixou que ele concluísse a tarefa. O homem, da forma mais desavergonhada, gozou ali mesmo na areia, discretamente. Ela ficou olhando para o outro lado. Quando ele acabou, ela disse, toda séria: “Nunca mais faça isso, viu, nunca mais! Se for para sentar ao meu lado e fazer isso, nunca mais!”. O homem se levantou, pegou a bicicleta e sumiu.

Dias depois, quando pensava que já ninguém mais ligava para ela, grudou no seu calcanhar um rapazinho magrinho, vendedor de pastel. “Não estou assim tão arrombada.” Foi um pensamento que a alegrou. O rapazinho emparelhou o passo e foi conversando com ela. Perguntou se não queria um pastel. “Pastel engorda”, ela falou. “Mas a senhora é boa de todo jeito”, ele disse. Ela deu sua risadinha e o rapaz foi conversando, disse que a acompanhava desde longe, que ela o tinha deixado daquele jeito e pediu que ela olhasse para baixo. E ela viu que a calça do moletom estava bem desordenada.

“Você não tem namorada?”

“Só gosto de mulher mais velha, não sei por quê, com namorada não funciona.”

Ah, meu Deus, como ela teve pena! Mas com menino assim nunca tinha ido e nem era louca de levar um desconhecido para casa. O rapaz perguntou se ela não queria deitar com ele, muito direto e corajoso.

“Você tem idade pra ser meu filho, podemos ficar amigos.”

“Amigo só não quero, não.”

Dona Katucha voltou para casa feliz. Ia contar para o terapeuta, mas aí se

lembrou que ele já estava morto. Falaria de suas novas conquistas, a do senhor da bicicleta e a do menino do pastel. Diria que ainda dava para o gasto, mas que seu coração continuava vazio. Quem sabe qualquer dia desses em suas caminhadas não aparecia o príncipe com que, no fundo, no fundo, sonhara desde a mocidade?

E ele aparece. Um agrônomo oito anos mais velho do que ela, barrigudo, feio, triste. Ela dá trela. E nessa trela, se apaixona. O homem lhe traz todo dia coisas de sua horta hidropônica e assim vai conquistando o coração de dona Katucha. Beringelas roxíssimas, rabanetes gritantes, cenouras luminosas, chuchus de verter água na boca. O nome de seu amor: seu Lair. Espera que com esse a casa se enchesse de legumes e alegria. “Quem sabe?”, pensa. “Não custa experimentar.”

Dona Katucha resolve se jogar de todo corpo em sua recente paixão, mas o homem brocha na primeira investida. Ela diz que ele não se incomode, vai ver era defeito dela, há muito não fazia sexo, está seca, menopausa, falta de tato, falta de jeito. O homem diz que é a primeira vez que aquilo lhe acontece, 68 anos e nunca perdeu uma. Toma suco de tomate todo dia, por isso nunca brochou.

“Quem sabe amanhã não dá?”, diz dona Katucha, com uma compreensão que a assusta.

Seu Lair dorme na casa dela e a noite é difícil, os dois se embolando na cama, cobrem e se descobrem, nada de sono, uma noite de horror. E, ainda por cima, o homem é peidorrento.

“Acho que desacostumei de dormir com alguém”, diz ele pela madrugada, sabendo que ela também está acordada.

“Acho que nunca vou me acostumar também, sempre dormi só”, responde ela.

E assim passam a noite. Ela quer tocar nele, mas tem medo de ele não corresponder, melhor deixar quieto. Toda vez é sempre a primeira vez.

Levantam-se muito cedo, ele com a cara amassada, ela também. Ficam envergonhados.

“Acho que não vai dar”, ela diz.

“Não vai dar o quê?”

“Nós dois. Estamos muito derrubados.”

“É, acho que é.”

E assim termina aquilo que parecia ser a paixão derradeira e definitiva de dona Katucha. Volta ela então à sua lida: praia, shopping, praia, shopping, e agora academia. Viu como estava acabada quando tirou a roupa para seu Lair e resolve se cuidar. “Acho que foi meu corpo que não deu tesão nele e o dele também não deu em mim. Amanhã vou começar a malhar.”

Na academia sua estreia é aquele furor. Já na esteira os homens olham para ela com um shortinho preto colante, um top azul-turquesa. “Parece até que querem

me comer aqui, fazer da esteira cama!” Vai falar com o dono da academia, dizer que os homens não tiram o olho dela, se era sempre assim. O dono diz que é impressão dela, ali nunca houve nada de assédio, todos são muito respeitosos. Eles vão até o salão, onde só tem um rapazinho fazendo barra.

“Que homens?”, pergunta o diretor.

“Ué, sumiram”, ela diz, toda assustada.

Será que está vendo almas? “Dona Kátia, cuidado, a senhora às vezes é muito presunçosa, sempre foi, o mundo inteiro querendo comê-la, tudo isso é fantasia”, lhe disse um dia o terapeuta. E pede licença ao diretor, vai levantar pesinho diante do espelho. Quando se olha, tem vontade de chorar. Está acabada, as bochechas caídas, os braços de babado, um horror. E as coxas? Parecem feitas de mingau. Arria os pesos e vai para o banheiro chorar.

Enxuga os olhos e sai. O diretor da academia a chama: “Dona Kátia Teresa, qualquer coisa é só me falar, a senhora está bem?”.

Aquele “senhora” era o que faltava para completar sua manhã desastrosa. Ela agradece. Achou-o um gato, mas ele a tratou tão comercialmente que ela tem vontade de chorar pela segunda vez. Arruma a bolsa e vai direto para seu habitat: o shopping. Lá, senta-se no café e pensa em pedir uma pinga, mas uma mulher tomando pinga em shopping não é coisa de gente normal. Pede um chope. É a primeira vez que bebe aquela merda tão amarga, e ainda tem quem goste. Mas consegue beber até o fim porque não é de desperdiçar dinheiro. Depois de beber, passa batom nos lábios e se vai toda trôpega pelos corredores, evitando as vitrines espelhadas.

Cara de Boneca

Odiávamos dona Glorita, sobretudo quando ela atrasava nossa saída recitando Camões. Nós tão longe, pensando no que a tarde nos reservava. Seu Lilá já era um senhor de idade quando começou a fazer parte de nosso mundo, ou talvez fosse só nosso olhar de adolescente que o fazia tão velho. Era só ele passar por nossa rua que vinha a gritalhada: “Seu Lilá, vem me chupá!”. No começo, gritávamos mais por causa da rima do que por qualquer desejo.

Seu Lilá fazia parte daquele lugar desde sempre, talvez abandonado pela família, envergonhada dele. Toda manhã ele vinha puxando sua carroça cheia das bagaceiras que ia pegando pelas ruas, sempre educado, sempre cordato, incapaz de uma palavra grosseira. Seu Lilá, o Cara de Boneca, o apelido que nós lhe demos, era conhecido de todos os meninos. Era bem redondinho, todo baixinho, mãos pequenas, braços curtos, os olhos lá no fundo da cara gorda, como daquelas bonecas que nossas irmãs ganhavam no Natal. Tudo nele lembrava uma boneca: os lábios finos bem delineados, as bochechas saltadas, sempre vermelhas por causa do esforço que fazia puxando a carrocinha, que ia aumentando de peso no decorrer do dia. Todo mundo tinha o que jogar na carrocinha de seu Lilá, e ele aceitava tudo, de garrafa a travesseiro. Só não levava nossos colchões ainda fedorentos de mijo, de quando ainda éramos meninos. Parecia que nossas mães não os jogavam fora para que dormíssemos sentindo aquele cheiro como castigo eterno.

À medida que crescíamos, íamos descobrindo o território de seu Lilá. Para chegar até ele era preciso ter o aval dos mais velhos, tudo escondido de nossos pais e de nossos confessores. Aquele pecado jamais poderia ser confessado. Quando foi a minha vez de participar, ainda tinha em mim o sentimento de pureza que fazia meus amigos rirem, mas logo eu o perderia. Nem sabia que naquele instante em que cheguei ao terreno baldio atrás do cemitério, eu estava a caminho de uma educação que só mesmo a rua era capaz de dar. Nenhum livro, nenhuma aula de religião teria feito por nós o que fez seu Lilá com sua mansidão e seu consentimento.

Aquele território atrás do cemitério parecia uma ilha distante do mundo, onde

ninguém nos procuraria. Eu não era de sumir de casa, mas meus colegas diziam que, ao chegar certa idade, não se podia mais ficar preso na saia da mãe nem ter medo do cinturão do pai. Os momentos decisivos de nossa vida ficam marcados na memória, como a posição do sol, da lua, se for o caso, os cheiros que sentimos naquele instante. E eu me lembro de tudo. Era um meio de tarde de junho, um dia depois do São João, as cinzas das fogueiras ainda fumegando, o cheiro bom de pólvora no ar. Eu já sabia o que significava aquele bando de meninos em fila, esperando a vez para se esfregar nas coxas de seu Lilá. O muro do cemitério onde ele se apoiava já tinha até as marcas de suas mãos. Os meninos iam um por um, baixavam os calções, se esfregavam nele e só. Cada um levava umas folhas de mamoneira para limpar a sujeira que o outro tinha deixado e se esfregava do mesmo jeito, ensebando mais uma vez as coxas de seu Lilá, que não gemia, que não dizia nada. Também era só isso que ele permitia. Um ou outro queria ir mais longe, mas ele não deixava. Via-se que ele tinha alma bondosa, era como se se sacrificasse em nome de alguma coisa que serviria mais para nossas vidas que para a dele.

Quando a gente terminava a festa, seu Lilá pegava a carroça e voltava para as ruas sob uma chuva de palavrões que as mulheres lançavam sobre ele, e nós também. As mães diziam que ele merecia ser enforcado como um Tiradentes, com o cu enfiado num poste. Elas achavam que era ele que nos roubava toda a inocência, e nem sabiam que éramos nós mesmos que fazíamos questão de perdê-la. Naquele lugar, já crescíamos sabendo de tudo, e seu Lilá era apenas uma confirmação de que o mundo se dividia entre os de coração aflito e os de maldade extrema.

Crescíamos com ele para cima e para baixo com a carrocinha, uma cachorra atrás, a quem ele dava um carinho que nós jamais seríamos capazes de dar a alguém. Todo mundo sabia que o maior amor da vida dele era Paquita. Só assim para ouvir a voz dele meio sumida, dizendo “Façam isso não com meu bichinho”, quando nós a maltratávamos. Era o mesmo que falar nada. Cada um de nós era capaz de inventar as piores maldades para aplicar na cachorra de seu Lilá. Os mais destemidos gritavam: “Paquita, venha aqui!”. Ela vinha tão inocente quanto seu dono. Diziam até que ela servia de mulher para ele. Só não deram a ela vidro moído porque diziam que era uma morte horrível, mas como lhe dávamos pancadas com vara de goiabeira! Seu pelo era aqui e ali cheio de clareiras da água quente que jogavam nela. Quando isso acontecia, seu Lilá passava por nós de cabeça ainda mais baixa, e ninguém estava nem aí para sua tristeza. Na hora do cemitério, ele ameaçava não nos deixar mais fazer o que fazíamos se não tratássemos bem sua cachorra. Aí as maldades diminuía um pouco, mas só por

um tempo. Depois que lambuzávamos as coxas dele, voltávamos a fazer tudo igual. Para livrar Paquita de nossa sede de maldades, ele passou a amarrá-la na carrocinha, nunca mais a deixou solta.

Foi aí que nossa maldade aflorou com toda força. Um dia, um dos meninos se aproximou da carrocinha como quem ia levar garrafas. Dentro de uma delas levava ácido muriático. Quando jogaram na cachorra, o líquido voou e bateu nas pernas de seu Lilá. Ele se contorcia de dor, a calça molhada, arrancada ali mesmo no meio da rua, revelando a nudez que todos nós já conhecíamos. Baixou hospital e teve que se separar de sua cachorra. Quando voltou, não a encontrou mais. Devia ter ido embora para não morrer de fome.

Não havia uma só pessoa na rua que tivesse pena de seu Lilá. Pelo contrário. Todos diziam que ele era assim porque gostava, porque era safado mesmo, mas nenhum pai e nenhuma mãe fazia com que os filhos não fossem para trás do cemitério. Alguns até falavam com orgulho ao saber que o filho já estava indo. Em vez de molhar os lençóis, era melhor molhar as coxas de seu Lilá. Nossas mães e seu ideal de limpeza. Havia as putas, mas isso era para os adultos e ainda estávamos longe disso.

Cara de Boneca, depois que voltou do hospital com as pernas queimadas, não teve mais força para puxar a carrocinha. Também nunca mais teve coragem de criar uma cadela. Até que um dia sumiu, ninguém sabe para onde. Depois cada um de nós tomou o seu caminho e, hoje, quando nos encontramos, nunca falamos dele. Preferimos falar de dona Glorita recitando aqueles versos de Camões sobre uma “ferida que dói e não se sente”, um “contentamento descontente” que a gente nunca conseguiu entender.

Florais

“Foi o corpo que me salvou”, pensou dona Delfina três anos depois de ficar viúva. Nesse entretanto, pouco saía de casa, salvo para as consultas médicas e as aulas de pilates na academia. As compras, ela pedia por telefone à mercearia mais próxima. Achava que sair para o mundo seria trair a memória de Mário Sérgio. Até que um dia acordou com uma estranha vontade de dançar, talvez efeito das gotas do Alpine Lily do seu terapeuta holístico. Ligou então para as amigas, como se tivesse acordado de um sono do qual ela mesma não se dera conta, e foram a um bar da praia onde ainda se dançava aos boleros de Bienvenido Granda.

Lá, dona Delfina encontrou um rapaz uns vinte anos mais moço que ela que a tirou para dançar. Depois ela soube que ele era pago para isso, mas ele fazia de tal forma que a mulher se sentia sempre a escolhida. O nome dele mexeu muito com ela, ao se lembrar do ator de olhos azuis cujas fotos cobriram seus cadernos de adolescente. Mas esse era Alan Delon e nada tinha do original, salvo o magnetismo dos olhos meio esverdeados. Ela achou que aquela vontade de sair de casa e logo encontrar um homem com tal nome tinha sido coisa das confluências astrais em que tanto acreditava.

Enquanto dançavam, dona Delfina não conseguiu evitar a pergunta: por que Alan Delon? Coisa do pai, que não conseguia esquecer *O sol por testemunha*, o filme que era também o preferido do finado Mário Sérgio. A intimidade entre dona Delfina e Alan Delon foi imediata. Na pista do Las Ventanas, ele dançava tango com a mesma *aisance* de um argentino, e dona Delfina passou o resto da tarde do domingo sem conseguir desgrudar os olhos dele. Foi durante “Angustia” que ela lhe contou de sua viuvez, da vida que passa sem a gente sentir, das doenças que chegam para ficar. Alan Delon propôs se encontrarem fora dali, o que para ela foi uma surpresa, um homem tão moço propor um encontro assim, do nada! Pelo jeito que o olhar dele ia dos olhos aos lábios dela, o encontro não seria para falar de Deus, embora ela fosse muito religiosa e vivesse atrás de um padre que a confessasse quando se sentia cheia de pecados, se bem que ultimamente as gotas de Angélica estivessem aliviando-a das culpas.

Dona Delfina não alimentava mais nenhuma vontade de ter um homem a seu lado, até que veio aquele tango e ela permitiu que Alan Delon a encoxasse tão suavemente, bem que ela viu que não havia mais como escapar daqueles braços de academia, a camisa de manga curta estourando nos músculos. Ela suportou bem os solavancos de “El dia en que me quieras” por causa do pilates e da dieta que a deixava bem sequinha, como os biscoitos de gergelim que comia no café da manhã. O corpo, depois do luto pesado, começara a exigir coisas estranhas, como se estivesse se despedindo de si mesmo.

Depois do tango, era como se ela estivesse reinaugurando a vida. Tudo tinha sabor de primeira vez. De repente se achava disposta a aproveitar a vida enquanto não se instalavam de vez a artrite, a artrose ou os ossos se esfarelando na pista do Las Ventanas. Isso ela falou sorrindo, com um humor que só podia ser coisa da Zinnia. A catarata, já operara um ano atrás, dos dois olhos, e agora enxergava sem óculos, embora não gostasse muito de expor as pálpebras cada dia mais escuras e empapuçadas. Plástica não passava por sua cabeça, pois tinha medo orgânico de anestesia, por mais simples que fosse. Cuidar dos dentes era atualmente sua maior tortura, canal após canal, já fizera bem uma dúzia. O que mais temia era o dia em que precisasse de implantes. Ainda bem que seus dentes eram fortes, e esperava morrer com todos eles.

Então, era agora ou nunca, não havia por que esperar. A verdade era que Mário Sérgio tinha partido e não dava mais para ficar zanzando dentro daquele apartamentão, senão ela ia terminar enlouquecendo. Ou será que já tinha enlouquecido? De repente nos braços de um outro homem sem ser Mário Sérgio só podia ser loucura.

Dona Delfina quase lamentava agora os quarenta anos de santidade com o marido, a que se acostumara sem nenhuma pergunta. Nunca lhe faltara nada, apenas filhos. Não os quiseram de comum acordo, mas, quando foi organizar os papéis dele, encontrou um espermograma em que os espermatozoides eram dados como inertes. Sentiu-se traída. Alguma doença Mário Sérgio devia ter tido antes de conhecê-la, talvez uma caxumba ou uma doença venérea mal curada, e nunca lhe contou. Mas não ia ser agora que ela ia negar que tinha sido feliz com ele, sobretudo nas viagens de lua de mel repetidas a cada ano. Gostavam muito da Áustria e da Alemanha, que percorriam de carro, só para ver aquelas igrejazinhas apontando suas cúpulas em forma de bulbo no meio dos campos verdes. Quando o dólar começou a subir, se contentaram com Poços de Caldas, Gramado, Campos do Jordão, para ela se aconchegar cada vez mais ao peito dele. Mário Sérgio a amava igualmente, ela nunca soube de uma traição, o que até achava anormal, pois todas as amigas mais cedo ou mais tarde passaram por uma dessas. Chegou a desconfiar

de que ele pifaria com as outras, só podia ser por isso, há homens que se acostumam tanto com o que têm em casa que, quando vão buscar outra na rua, pifam. Com ela, Mário Sérgio nunca pifou. Nunca mesmo, nem quando o sexo passou a ser uma coisa espaçada, uma vez por semana, depois uma por mês, até que ele adoeceu. Cuidou dele até o fim, numa tarde de dezembro, e ele se foi no dia de Natal. O corpo estava tão inchado que, para caber no caixão, foi preciso retirar o acúmulo de líquidos na sala de tanatopraxia.

Ao se ver a caminho do motel, dirigindo o próprio carro, dona Delfina achou que abrisse a guarda cedo demais. Mas também não dava para continuar chorando o resto da vida. Nunca pensou que alguém ainda fosse se interessar por uma mulher na sua idade, sobretudo aquele homem que ia da salsa ao tango com a mesma intensidade.

Ao lado dele, ela se sentiu a mesma mocinha de quarenta anos antes. “Faça de conta que é a minha primeira vez”, ela falou. Alan Delon disse que ela nem se preocupasse. Habilidade ele tinha, e muita. Estimulou-a bastante, preparou-a como quem prepara uma carne no mais doce ardido das vinhas-d’alhos, fez nela coisas que ela nunca imaginou e não demonstrou o mais leve nojo de sua carne ressecada. Um homem tão jovem fazer aquelas maravilhas num território já cercado pelos odores da morte só podia ter uma alma gigante como seu pau. Dona Delfina se assustou com o próprio pensamento. Nunca achou que fosse capaz de pensar uma coisa daquela, ainda mais comparando aquele homem de corpo liso e brilhante com o corpo tão peludo do finado.

Depois de tudo que Alan Delon fez com ela, ela nem teve medo de pegar alguma doença. Lera que os da terceira idade eram agora o alvo preferido da aids, mas ele tinha se protegido bem, ela vira. O que ela sentiu mesmo depois foi uma tristeza muito grande. Não se tratava da tristeza pós-coito, como ela iria dizer ao terapeuta. Ficava triste porque fizera com Alan Delon o que jamais havia feito com o marido. Se tivesse feito tudo aquilo com o finado, a felicidade dos dois teria sido bem maior, e eles teriam se amado muito mais. Mas ele nunca pediu, nem mesmo chegou a insinuar, era homem respeitoso além da conta. Com Alan Delon ela descobriu que o amor exige desrespeito, senão fica incompleto. Mário Sérgio dizia que para certas coisas havia as putas, se bem que não as frequentasse, disso ela tinha quase certeza. Ele tinha pavor de pegar uma DST. Era infectologista. Os dois nunca precisaram recorrer a certos expedientes. Mas tudo com Alan Delon se desenrolara com tanta naturalidade que ela não se assustou com nada, e só mesmo a Fúcsia da Califórnia para lhe dar aquela coragem de dizer que ainda havia um território em seu corpo que nunca fora explorado.

Professor Locarno

Quando disseram que iam alugar um salão anexo a uma choperia, ele pensou logo em grandes copos de cerveja, como vira na Alemanha nos seus bons tempos de turista. Não se incomodaria se não houvesse doces nem bolos, e nem podia comê-los, diabético que era. Mas festa de aniversário sempre tem bolo e ele ia ser obrigado a soprar as velinhas, o que sempre achou ridículo, o que exigiria um esforço sem fim. Só faziam festa agora porque ele não tinha mais nenhuma vontade, a vontade era dos outros e, na sua mudez, ia ter de suportar tudo, com a galhardia dos seus antepassados da Suíça italiana.

Ao se aproximar do tal salão, viu que tudo não passava de uma grande padaria de esquina com um terraço anexo, que um dia fora um pátio ao ar livre, agora coberto por um toldo amarelo. Era um lugar onde as pessoas iam comer pizza, e comer pizza era uma das proibições de seu médico. “Nada de massas, professor Locarno”, como se ele ainda tivesse vontades.

Como estava ventando muito, puxaram uns toldos transparentes para que doces e salgadinhos não voassem. E para completar havia as cadeiras e as mesas de plástico amarelo, da cor da marca da cerveja que vendiam ali com exclusividade. Se pelo menos tivessem colocado bancos de madeira...

Logo ao entrar, o professor Locarno não gostou de ver o bolo no meio da mesa. Era um bolo desses comuns, feito ali mesmo na padaria, coberto com uma calda de chocolate toda desnivelada. Ele nunca se esqueceu de um conto que lia sempre para seus alunos, o de uma velha que fazia aniversário toda cheia de rancor, um conto cruel, e agora era ele que via como a família podia ser mesmo cruel quando a morte era o passo mais próximo. Ao contrário da velha do conto, ele não tinha rancor de ninguém, achava apenas que deviam ter respeitado sua vontade, ele nunca gostara de festa, mesmo tendo sangue italiano. Só agora, porque era um pedaço de carne velha levado de um lado para outro, faziam justamente o contrário de seus desejos. Depois do AVC, a muito custo levantava a mão esquerda quase sempre pousada sobre a coxa. A memória felizmente continuava boa, mas as pernas não davam mais resposta a nada.

O professor Locarno não queria festa nenhuma e até torcia para morrer ali mesmo, diante daquela falsa alegria dos filhos que vieram de todos os cantos do Brasil, cinco ao todo, para algo tão melancólico. Pena que sua mulher não estava mais viva, ela não teria deixado fazerem aquilo com ele.

Ele sempre soubera que se festejavam anos redondos, sessenta, setenta, oitenta, e ele estava fazendo 89. O médico o teria desenganado e já sabiam que ele não ia conseguir chegar aos noventa? Estava velho e mudo, mas continuava esperto com seus olhos que passaram a enxergar melhor desde que operara da catarata. Seus anos de professor de literatura não tinham sido em vão. Pena que não conseguia ler mais, mas havia uma moça que sempre vinha ler para ele os contos de Pirandello que ele tanto amava. Parecia que a família fazia, em relação a ele, uma contabilidade ao contrário. Não somavam mais, só diminuía. Fazia tempo que já não ganhava mais nada, nem um par de chinelos, já que vivia da cadeira para a cama, da cama para a cadeira.

Os netos e bisnetos foram chegando, mas não havia alegria na cara de nenhum deles. Parecia mais que vinham a seu velório. O que mais havia eram senhores e senhoras de meia-idade, amigos dos filhos que ele nunca tinha visto, só para fazer número. Achava que eles tinham recebido o recado de que não precisavam levar nada, porque todos chegaram de mãos vazias. Ganhara apenas um frasco de lavanda inglesa para barba de uma ex-colega de magistério, a última sobrevivente de seu tempo. Onde teria ela achado aquele English Lavender? Para ele seria um mistério, porque suas filhas diziam que a marca tinha desaparecido do mercado. Era seu pós-barba preferido, mas que foi sumindo pouco a pouco, até desaparecer de vez. A filha abriu o frasco ali mesmo e colocou-o bem no seu nariz. Se olhasse bem para ele, ela teria visto seus olhos cheios d'água, mas, agora, se os olhos se enchiam d'água era interpretado como claridade demais. O cheirinho, inevitavelmente, lhe trouxe Proust, não tinha como não lembrar, e ele se voltou ao tempo em que ainda era um conquistador. Lembrou-se da professora Nadja, seu único caso, agora morta, muito morta, como sua mulher, Eugênia. Nadja adorava passar a mão em sua barba recém-feita com aquele cheirinho bom.

A festa rolava numa tristeza que o professor Locarno prefigurava como sendo seu enterro. Assim como não havia risos ali, não haveria lágrimas no dia em que se fosse. Todos sentiriam até alívio com sua morte, estava dando muito trabalho, sobretudo para trocar as fraldas, o corpão não ajudava. Já estava passando da hora de se ir. Há um momento em que o corpo fica impaciente com a vida e só quer descanso absoluto. Só tinha pena de não ter aproveitado mais os implantes que fizera, pois chegaram já numa hora em que não podia mais comer carne vermelha. Foi sofrido colocar tantos dentes, mas realizara um antigo desejo. A filha mais

velha se orgulhava de sua coragem, dizia a todos que tinha um pai moderno, que até fazia implantes. Alguns anos depois deles, veio o AVC. Ultimamente, o coração já havia emitido sinais perturbadores, que ele tomava como seu presente maior.

A hora mais amarga da festa foi quando o levaram para o centro do que diziam ser um salão de festas e todos em volta cantaram sem nenhum entusiasmo “Parabéns pra você”. Para que cantar “muitos anos de vida” agora? Não teria mais tantos, e se os tivesse eles seriam ainda mais difíceis do que os últimos. Depois que cantaram os parabéns, 89 aninhos, professor Locarno, o senhor está bem, professor Locarno, enquanto ele remoía a economia da família com aquela festa só porque a ele não restavam mais muitos anos de vida. Botaram a bisneta maior para soprar as velinhas, numa humilhação que parecia não ter fim, ele sentindo já as fraldas úmidas além da conta. Vieram as palmas sem nenhum entusiasmo, pior ainda foi aquele “É pique, é pique, é hora, é hora”, como se estivessem numa festa de criança.

Apagadas as duas velinhas, o professor Locarno foi levado de volta a seu lugar, voltando a ser ignorado por todos. Não tardou e as pessoas começaram a se retirar, como se estivessem só esperando a hora de se verem livres daquela obrigação. A filha mais feia, uma arquiteta muito doida, lhe deu um abraço mais frio que os braços da cadeira de rodas. E ela se foi com mais um dos namorados. O professor Locarno nem tivera tempo de ver a cara dele, que só tinha ido buscar a filha muito doida, aquela com quem ele menos se dera na vida. Os outros ficaram, duas mulheres e dois homens. Um deles se casava demais, já nem sabia mais quem era a mulher dele agora. As filhas eram muito mandonas. Por isso não tinha mais nenhuma casada.

Quando o professor Umberto Locarno voltou a si, o terraço já estava vazio, apenas os filhos homens e uma filha tinham ficado, com a neta mais nova. Os dois garçons, só dois para a festa toda, o esperavam na pequena rampa para ajudar a levar a cadeira. O professor deu uma torcida de boca como agradecimento e foi levado para o carrão do filho. Quando ia saindo daquilo que fora apenas um arremedo de festa, ele desejou muito que o coração afrouxasse de vez e nunca mais ele soubesse o que significava outro dia. Mas o outro dia chegou com as gracinhas de sempre, a enfermeira rasgando mais um pacote de fraldas e chamando-o daquele jeito engraçadinho: professor Locar-nô, professor Locar-nô, revirando os olhinhos, igual a Carmen Miranda.

Nena de cabelos soltos

Os filhos estranharam: a mãe de cabelos soltos? Nena os trazia sempre amarrados com qualquer pedaço de fita ou de barbante, nunca ligou para eles, muito encaracolados. O que os filhos não sabiam é que no dia anterior, ao passar por uma obra, um homem gritou, “Solte os cabelos, gostosa!”. Há quanto tempo ela não ouvia um elogio daqueles? Gostosa? Ela, Nena, gostosa? Só podia ser brincadeira. Sim, tinha ancas largas, Fernandinho sempre a elogiara nesse ponto, largou-a porque encontrou outra ainda mais ancuda. Ele dizia que mulher ancuda era mais gostosa porque o homem podia ir fundo e ela nem reclamava. Nena não pensava em homem desde que fora trocada pela vizinha. Nas brincadeiras, as amigas diziam para de vez em quando ela olhar e ver se não estava tapada.

Quando o pedreiro gritou, ela até fechou a cara, não ia dar ousadia a um amassa-barro qualquer, mestre de obras que fosse. Quando subiu no ônibus, um atrevido se encostou nela. Que era aquilo? De repente estava atiçando os homens. Quem já viu isso? Só olhou a cara do tal quando ele desceu. Até que era um gato, muito jovem para ela, boné virado para trás, bundinha no ponto, igual à de Fernandinho, que ela gostava de apertar na hora dele fazer nela as boas coisas da vida.

Nossa Senhora! Desde ontem, Nena estava com a macaca, pensando maluquice em cima de maluquice. E agora de manhã, só se dera conta de que soltara os cabelos porque os filhos falaram. Havia um ou outro fio branco se perdendo entre os pretos, mas isso era fácil de esconder com a tintura da patroa, um pó parecido com o nome dela, Lena, Nena, Mena.

Tinha acordado de repente para a vida, precisava aproveitar o restinho dos dias, arrumar um homem. Tinha de encontrar um gostoso, bem gostoso, que ela não ia morrer virgem de novo. Não tinha coragem de meter o dedo, não, nunca teve coragem, e, no exame ginecológico que fez no mutirão da primeira-dama, ficou com uma vergonha danada quando o doutor perguntou quantas relações ela tinha por mês. “Nenhuma”, falou. Aí foi pior: “A senhora se masturba?”, perguntou o tal, cara de recém-formado. Ele viu que ela não tinha entendido e repetiu: “A

senhora faz sozinha? Já sentiu prazer sozinha?”. Nena disse que não, toda envergonhada, sem tirar os olhos do teto da tenda armada naquele descampado perto do rio. E o doutor passou a dar regras de higiene. Se ela fosse fazer sozinha, lavasse bem as mãos antes porque nossos dedos carregam um monte de bactérias e muitas vezes a mulher tem uma infecção, mesmo sendo solteira, e às vezes é de dedo que pegou em dinheiro etc. e tal. Ela só faltou se meter debaixo da cama, onde ainda estava de pernas abertas. Mas o doutor falou com tanta naturalidade que ela achou que aquilo era mesmo natural. Ele ainda disse que nunca usasse papel higiênico colorido porque tinha pigmentos que podiam contaminar a flora vaginal. O mocinho usava tanta palavra bonita para falar das coisas feias que ela até saiu animada. Ele disse também que dormisse sem calcinha, para arejar, era mais higiênico. Aí ela achou demais, que ele já estava mesmo era a fim de falar safadeza. Vai ver que estava de caceta dura. Se deu conta então de que estava pensando com as mesmas palavras da patroa desbocada.

Já no ônibus, procurou pelo rapaz de boné virado para trás, mas não viu ninguém parecido. Vai ver estava sem o boné e a pessoa sem boné fica muito diferente, podia até ser careca, e aí é que é difícil mesmo de identificar.

Nena desceu no ponto final e se foi para mais um dia de faxina. Quando passou diante da obra, ainda era muito cedo. Os homens estavam sentados na calçada, fumando, em silêncio. Ela passou por eles olhando firme para a frente, toda empertigada. Esperou que eles dissessem alguma coisa, mas eles não disseram nada.

Cozinha benguela

Foi Cida quem me fez tomar pavor a restaurantes. Aquele jeito dela de se sentar, de abrir o cardápio, de esperar o garçom enquanto tamborilava na mesa, me deixava irritado a não mais poder. Sei que tudo fazia parte do jogo, mas há um momento em que o jogo cansa e meu sonho era me livrar de Cida. Não vou dizer que não tinha prazer em estar com ela, isso eu tinha, mas tudo estava se encaminhando para a mesmice. Ela me irritava até a exaustão, eu parava o carro, fodia forte, deixava-a semimorta e ia para casa dormir um pouco até que fosse outro dia, e tudo recomeçava. Havíamos estabelecido uma forma diferente de conviver, nada de morar juntos, isso cansava qualquer amor, se bem que essa palavra nunca entrasse em nossas conversas. Ela também não queria nada disso, queria foder, Carlos, nada mais, era isso o que ela me dizia, sem nenhum rodeio.

Nunca esqueço a noite em que decidimos trepar confortavelmente em minha cama, mas ela só gostava da rua, dos lugares perigosos, embora eu fosse sempre cauteloso, encostava o carro em lugares seguros, se é que ainda existem. Sim, nunca esqueço a noite em que na minha cama comecei a beijá-la lentamente e ela deu um pulo dizendo “Não, isso não, isso já é amor”. Assustei, claro, e murchei, como era de esperar. Cida se levantou, pôs a roupa e disse que jamais deveríamos fazer coisa igual, amor é perigoso, amor mata o relacionamento, “Amor, Carlos, é coisa que se deve evitar, duas pessoas se amando perdem a força e nunca mais querem se meter selvagememente uma na outra”. Cida detestava os bons modos, salvo à mesa, claro. Me vi pego em flagrante e até me recriminei, tinha realmente ido longe demais.

Cida tinha razão, eu estava sentindo algo diferente por ela e podia ser fatal. Se eu começasse a respeitá-la, tudo ia desmoronar, porque, ela me dizia, para a coisa ser quente, é preciso muito desrespeito. “Por que com o tempo os casais entram em monotonia? Respeito demais, *mon chéri*, e eu quero de você é putaria da boa, dessas que me deixam sem coragem de me levantar no outro dia, cheia de marcas nas costas e no pescoço.” Cida, eu te amo, quis dizer, mas seria a morte de tudo o que havíamos construído.

Daí comecei a pegar ódio de restaurantes. Quando parava o carro, ela repuxando a saia curta nas belas pernas bronzeadas, eu queria voltar para casa, suprimir o ritual das cadeiras, dos cardápios, do vaivém enfadonho dos garçons, me deitar inteiramente nu na cama e deixar Cida vir por cima de mim e fazer tudo o que ela queria, me comer, como dizia, porque é a mulher que engole o homem, ela dizia com aquele olhar de puta que eu sempre incentivei. Acontece que tudo tem limites e o amor é mesmo um deles.

Foi numa noite, num restaurante afro, imagina só onde fui parar, Cida adorava coisas exóticas, benguela, comida benguela, estávamos em Paris, e em Paris você encontra tudo o que quer do mundo, até banheiro de dois você encontra. Comida benguela, Cida? Era nossa primeira viagem ao exterior juntos, eu já conhecia a Europa, morara quatro anos em Paris, e o restaurantezinho ficava numa rua escondida do *treizième*, perto do metrô Glacière. Cida, com todo seu jeito de dominar restaurantes, ela falava francês como ninguém, o meu sempre foi claudicante, abriu o cardápio daquele jeito fino de que só ela era capaz, leu o nome dos pratos em benguela e depois em francês.

“Esse deve ser uma delícia, amor”, ela falou.

“Você viu, Cida, você falou ‘amor’, essa palavra é proibida, tira qualquer tesão.”

Ela nunca se dava por vencida.

“Falei ‘amor’ comoalaria ‘meu querido’, é só um tique de fala, meu bem.”

Pior do que “amor” eu achava “meu bem”. Acabava qualquer namoro quando a mulher me chamava de “meu bem”.

O restaurante era mínimo, tinha poucos garçons, um deles falava português. Era baiano e se chamava Valdireno. Devia ser uma combinação do nome do pai com o da mãe. Cida ficou feliz, adorava baianos. Pintou ciúme, fiquei chateado vendo os dois batendo um papo maluco sobre trios elétricos, os últimos sucessos do axé, falavam de uma nova cantora, melhor do que Ivete Sangalo. Cida não perdia carnaval em Saló.

Valdireno falou que o prato que havíamos escolhido era mesmo do cacete de gostoso. Olhei para os lados, e ele disse “se incomode não, de brasileiro aqui só nós”. Retirou-se, e Cida fez um comentário que não gostei, comparando o que não se devia comparar, achando que ele tinha mais do que eu. Ela dizia ter um jeito de conhecer essas coisas, sei lá como, olhando para o tamanho do pulso do cara, um método que, segundo ela, era infalível. Não vou dizer que Cida não era uma mulher experiente. E bote experiência nisso. O ciúme aumentou e eu vi que a cozinha benguela seria o encerramento de nossa vida a dois, embora ainda faltassem duas semanas ali, no flat que havíamos alugado na rue Pascal. Fechei a cara e Cida notou. Pedimos uma 33, estava ótima, como toda cerveja em Paris.

Cida ficou alisando o gargalo da garrafa de um jeito que só ela sabia fazer. Eu, que sou tão liberal, comecei a ter um surto de moralismo naquele ambiente de penumbra, onde as velas ardiam *doucement*, como diriam os franceses, enquanto um atabaque solitário acompanhava um canto triste que parecia ser de despedida. Pensei isso, porque não dava para deduzir nada de uma vogal que aquela voz cantava em tom cada vez mais ascendente.

Cida se levantou, ficou olhando as gravuras africanas nas paredes e voltou dando vez à sua sabedoria, Picasso, máscaras primitivas, eu também sabia dessas coisas, aliás, sempre nos demos bem nessa troca intelectual tão importante para a sobrevivência do casal. Nisso a comida vinha chegando, Valdireno pôs o prato sobre o descanso de palha, prato não, uma gamela de madeira, coberta com umas folhas que não eram de bananeira, umas folhas que desprendiam um cheiro selvagem, de coisa cozida no mel, e ao mesmo tempo de uma sensualidade a toda prova, como se se desprendesse das entranhas de uma mulher toda aberta esperando a hora de ser vasculhada com os dedos, e era com os dedos mesmo que aquele prato, ou melhor, aquela gamela deveria ser comida. Para desanuviar o ambiente, falei, “que cheiro bom de xoxota!”, afinal de brasileiros ali só nós três. Valdireno deu uma risada e disse que a comida benguela é assim mesmo, feita para despertar todos os apetites. Desejou o tal *bon appétit* e se foi.

Cida, nunca esqueço sua cara diante de um novo prato, parecia estar a caminho de um orgasmo. Sei que é banal essa coisa de associar comida com trepada, mas, se naquela hora senti essa relação mais do que nunca, não é por isso que vou deixar de dizer só para evitar o lugar-comum. Ao retirar as palhas, o cheiro se transformou em algo que me deu vontade de vomitar, sei lá, pensei em criancinhas tenras sacrificadas em alguma tribo num ritual de sobrevivência em tempos de penúria. Não falei nada a Cida para não tirar seu tesão da comida, e de mim. Meu estômago embrulhou quando ela puxou uma coisa como asa de um frango imenso e um olho negro dentro de uma batata enorme. Os olhos dela brilhavam, soltavam fagulhas de prazer. Quis me servir, mas disse que comesse primeiro. “Está com nojo?”, perguntou. “Claro que não”, respondi.

Ela levou um bocado à boca com a mão, como Valdireno havia dito, e ainda acrescentou: “É assim que começamos a comer tudo o que é bom”, com aquele risinho que antecipava todas as coisas. Cida revirava os olhos, dizia que era um sabor picante que acendia a alma e que se transformava de repente numa doçura infernal, parecia que ela ia pirar. Sempre achei que ela não girava bem, mas uma comida dar aquilo tudo em questão de segundos era piração da boa. Ela odiava essa palavra, “piração”, dizia que era coisa velha, do tempo dos hippies, e eu estava bem distante do mundo hippie.

Me servi da tal comida dos deuses e realmente senti um ardor forte seguido de uma doçura não tanto infernal, mas gostosa. Era só a aparência que era feia, a comida era mesmo deliciosa. O prato, para uma terra de somiticaria à mesa como Paris, era farto. Ainda sobraram umas coisas tipo pé de galinha, só que de uma maciez feita à custa de alguma soda cáustica natural dos benguelas. A sobremesa era uma massa de um verde intenso que vinha também dentro de uma folha grossa queimada pelo fogo. Pensei em papiro, embora nunca tivesse visto um papiro. Desenrolada a folha, dentro aquele verde mais forte que o de palha de coqueiro, uma massa que se desfazia na boca. Eu disse: “Se os africanos comem tão bem assim todo dia, não há por que ter pena deles”. Cida retrucou que comiam, sim, mas a comida era sempre escassa e nunca dava para todos, esse era o problema. Ela queria fazer parte de uma ONG que lutava por mais comida para a África. “E o Brasil, amor”, falei de propósito, “são sete Haitis que nós temos, espalhados pelas periferias das grandes cidades, sabia? Por que não vai cuidar deles?”

Uma coisa lhes digo: nunca provoque uma mulher diante de um prato de comida. Cida se levantou e foi até o banheiro. Quando saiu conversou um pouco com Valdireno, que sorriu olhando para mim. Eu não estava gostando da coisa. Havia algo rolando ali. A musiquinha africana tinha agora se transformado num atordoante atabaque que produzia sons fulgurantes, mas numa altura ainda suportável para os ouvidos.

Ela veio quase no compasso daquele ritmo, o que fez dois casais em mesas próximas olharem para ela com certa curiosidade. Cida sentou-se e disse que Valdireno tinha perguntado o que íamos fazer naquela noite. Senti todo o clima.

A conta veio. Paris não adoça o bolso de ninguém. Antes de nos levantarmos, Valdireno trouxe um brinde da casa, uma dose de uma aguardente feita de raiz de baobá. A bebida desceu queimando mais que um calvados. O hotel ficava perto do restaurante, fomos a pé.

Noite de primavera em Paris é a noite mais perfeita do mundo, mesmo que você esteja fodido da vida. Se não, melhor ainda. Eu estava apenas enciumado. Claro que entre mim e Cida não havia grandes amores, nem eu nem ela queríamos isso, mas vê-la se botando para o primeiro baiano que encontra é dose.

Passamos pela Mouffetard, havia um sax tocando na porta de um bar, Cida parou, jogou umas moedas. Fui olhar uns livros usados e comprei uma edição antiga dos *Cantos de Maldoror*. Casava bem com minha relação com Cida. Eu estava mal, achava que era a tal bebida de baobá que me deixara assim de pensamento solto, vontade de abrir Cida ao meio num flat da rue Pascal.

Chegamos ao flat, a recepcionista com cara de Nefertiti nos entregou a chave e

disse que havia um recado de “Monsieur Valdirrenô”. Até que em francês o nome ficava jeitoso, mas em português... No papelzinho, Valdireno deixara escrito “esperar até meia-noite”. O.k., destino, o que nos prepara? O que tenho a ver com Valdirrenô? Cida ficou excitadíssima. Pegamos o elevador.

O quarto era sempre uma penumbra olorosa, os sabonetinhos franceses criam uma onda de perfume que se espalha por tudo. O quarto era todo cor salmão, tapetes um pouco mais escuros, cortinas num tom mais claro, espelho enorme na frente da cama. Nada a ver com os hotéis do Brasil. Era um flat de classe.

Cida foi tomar banho, escovar os dentes e pôs uma camisola azul que eu tinha lhe dado de presente, caríssima, comprada numa galeria perto da Opéra. Tudo bem, dinheiro é para isso mesmo. Fiquei deitado na cama, passando de canal para canal, a tv 5 passando um filme de Fassbinder, meu cineasta preferido. “O amor é mais frio que a morte.” A frase é dele, de Fassbinder, tudo o que ele diz aceito. Ingrid saiu do banheiro, desculpe, Cida, porque o filme era com Ingrid Caven, a fabulosa cantora com quem ele se casara. Cida não gostava desse tipo de filme, achava Fassbinder tumultuado demais. Mudei de canal, agora um debate sobre a Comunidade Europeia, que, segundo um dos debatedores, tinha crescido demais e ficara ingovernável, um monstrengo. Um outro dizia que isso era coisa do governo americano para enfraquecer a União Europeia, que estava ameaçando sua hegemonia. Pois sim.

O interfone tocou, era Valdirrenô, que chegou com uma garrafinha da tal aguardente de baobá. Ele era muito cheio de ginga, trabalhava no restaurante benguela para poder terminar seu doutorado em Minas. Sua conversa fluía fácil, gostosa, apreciava cinema como eu, um ponto de contato, pelo menos. Cida pôs o rádio numa FM de música clássica, mas não gostou. Valdirrenô tomou a frente e sintonizou um canal de música africana. Ele e Cida começaram uma dança lenta e sinuosa. Aí deu.

Lucy in the sky

Lucy nunca saberia dizer o que deu nela naquela manhã. Chovia muito quando o mendigo bateu à sua porta. Assim que olhou para ele, foi tomada por uma vontade maluca de lhe dar um banho, tirar aquela craca toda e ver o que havia debaixo daquela barba, daqueles cabelos que pareciam fios de arame enferrujado. Ela também nunca saberia dizer quanto tempo levou olhando para ele e ele para ela. Deve ter sido uma eternidade, porque, quando voltou a si, o homem já ia dando meia-volta. Lucy ainda teve tempo de gritar, “Por favor, entre!”. O homem se assustou. “Entre, por favor”, ela disse mais uma vez.

O homem entrou acompanhado de um mau cheiro de entontecer. Lucy teve pena. Assim como estava, era um homem que podia ter vinte ou sessenta anos. Vinte, não, porque havia fios brancos em sua barba. Só mesmo lhe dando um banho, cortando os pelos do rosto para saber que idade ele tinha. Não pediu que ele sentasse, disse apenas “Me acompanhe”.

Lucy abriu a porta do banheiro da área de serviço e pediu gentilmente que entrasse. Ela nunca fora tão delicada, sinal de que estava pondo em prática as lições do seu mestre, que receitou a aproximação destemida do outro como parte da cura.

“Qual é o seu nome?”, ela perguntou.

“Pode me chamar de José.”

“Eu sou Lucy, Lucy in the sky with diamonds”, ela tentou gracejar, mas o homem não esboçou nenhum sorriso.

“O senhor vai primeiro tomar um banho, depois preparo um lanche para nós dois.”

José não se intimidou, não pediu licença, tirou toda a roupa sem nenhuma vergonha e se enfiou debaixo do chuveiro que Lucy tinha deixado aberto na água quente. Ele era um carvão só, da cabeça aos pés. Depois ela ajustou a água e estendeu para ele um sabonete ainda na embalagem. Ele disse que não precisava, se lavava com aquela pontinha mesmo que estava no batente do basculante. Lucy viu que o homem não sabia tomar banho direito. Ela então entrou no boxe e

começou a esfregá-lo vigorosamente com uma bucha. Um caldo negro escorria, respingando nos azulejos brancos.

“Estou emporcalhando seu banheiro todo”, ele falou.

Ela continuava esfregando-o, nem olhava que parte tocava, a mão enérgica por todo o corpo do homem, e ele quieto como uma criança perdida nas mãos de uma mãe que não dá trégua ao filho porco. Lucy abriu mais o chuveiro para o jato ficar bem forte e lavar aquele corpo que ia se revelando aos poucos mais para musculoso que para flácido. Ela também estava toda molhada. Depois tomaria seu banho, antes de preparar o lanche. Lucy agora via: José era um homem que ainda não tinha chegado aos quarenta anos, cabelos escorridos até os ombros, barba molhada, agora com cheiro de bebê. Ela só usava sabonete de bebê, a conselho médico, aquela doença de pele que a fizera se isolar de todos. O corpo ficava em carne viva de tanto se flagelar com as unhas. Começou na separação e terminou numa clínica de repouso, onde gastou o que não podia.

“Agora termine, por favor.”

José continuou se lavando, ainda precisaria de uns bons minutos para tirar toda a craqueira. Lucy foi para seu quarto e tomou uma chuveirada, sentindo que estava no caminho certo. Precisava amar o próximo como a si mesma, a lição que terminou aprendendo à força. Depois foi para a cozinha preparar o lanche. Fazia muito tempo que não partilhava a mesa com alguém, naquela solidão que tanto atormentava e poderia fazê-la cair de novo no autoflagelo. Quando voltara da clínica, não havia ninguém para lhe trazer nem sequer uma água. Foi o encontro com o mestre que a salvou, com aqueles exercícios de afastar maus pensamentos. Com ele aprendeu também a colocar esparadrapo nas pontas dos dedos, para não cair na tentação de voltar a se lanhar. O rosto, que ela antes cutucava tanto com as unhas, já estava voltando ao normal. Prometeu a si mesma que, se nunca mais lacerasse a própria carne, seria uma pessoa boa, que aturaria a solidão sem se castigar. Faltava apenas fazer mais pelo outro. Só não sabia que ia começar por um homem tão sujo.

Lucy passou um pouco de água de lavanda no pescoço e foi até o outro quarto pegar alguma roupa que ficara do ex-marido para substituir a roupa imunda de José. Quando voltou à sala, encontrou tudo em silêncio. Talvez ele tivesse escapado levando alguma coisa, embora ela não tivesse nada de valor. Gastara tudo com médicos, remédios e a internação na clínica. Assustou-se consigo mesma por pensar mal daquele homem que lhe parecera tão inofensivo. Um dos exercícios de purificação era não pensar jamais mal do outro. Todos somos seres bons, até que algo se revele, a lição do mestre, mas, mesmo assim, sempre haverá lugar para o perdão, para a confiança.

A casa estava tão silenciosa que Lucy achou mesmo que o homem tivesse ido embora. Foi com alívio que o viu sentado num banquinho na área de serviço, fumando. Estava enrolado na toalha, o peito nu, a carne firme ainda. Ela havia parado de fumar fazia um bom tempo. Foi outra tropelia em sua vida, não queria jamais retomar aquele vício que quase lhe arruinara de vez os pulmões.

Limpo como estava, o homem nem parecia mais um mendigo. Ela viu que ele tinha alguma beleza, os olhos claros, os cabelos dourados. Tinha lido nos jornais o caso de um rapaz que virara mendigo nas ruas de Curitiba depois de ter abandonado a vida de modelo. E os modos de José eram de quem teve uma boa educação. Foi só então que ela notou que o cheiro do cigarro não era bem de cigarro. Era um cheiro inconfundível, que a levou de volta até a juventude, quando fumar um baseado era a coisa mais natural do mundo.

José ofereceu o cigarrinho a Lucy, que relutou, a princípio por nojo, por achar que ele havia colocado ali os lábios, e os lábios dele, apesar de rosados e sem nenhuma mancha, podiam esconder alguma doença. Mas todo seu trabalho com o mestre não era justamente para isso? Para aceitar as coisas do mundo tais como elas nos chegam? Colocar o baseado nos lábios seria como beijar o mendigo, já que ela não teria a coragem de fazê-lo concretamente.

Lucy, por solidariedade, pegou o cigarrinho. Ainda se lembrava como se dava um bom tapa, apertando os lábios, apertando o nariz, para a fumaça ficar mais tempo circulando no corpo. Soprou uma longa baforada e esperou um pouco mais para dar uma segunda e longa tragada. Só então devolveu o que tinha sobrado do cigarro ao rapaz. Depois ficou olhando para o teto, pensando nas surpresas da vida, num relaxamento que não sentia há anos. Viu com muita nitidez as roupas secando no varal, as cores pareciam mais vivas, como se ela as tivesse lavado com algum sabão especial.

O rapaz continuava calado, não sorria, não esboçava a menor vontade de dizer alguma coisa. Parecia em estado de meditação, como se tivesse uma profunda vida interior. Dele provinha um cheirinho bom de sabonete de criança misturado com erva. E Lucy foi sentindo uma amplidão no peito, na cabeça, até ser tomada por um riso incontrolável. Sempre foi assim com ela, bastava um baseado para cair num riso incontrolável. Segurou, então, a mão do rapaz como se fosse de um antigo namorado e, dali em diante, não respondeu mais por ela.

Balé

Aline era o seu nome. Naquela tarde fomos visitá-la, mais para lhe dar alguns instantes de trégua que por qualquer outra coisa. Nós sabíamos que ela jamais voltaria a andar.

A mãe nos recebeu no portão e tinha preparado uma mesa de doces e salgados, como fazia depois das sessões de balé em que Aline brilhava mais do que qualquer outra que tivesse as pernas boas. Nunca mais *O lago dos cisnes*, eu pensei ao atravessar o jardim cheio de rosas de várias cores.

Aline estava na varanda, pedira para vestir o saiote de sua última apresentação, *A bela e a fera*. Ela, a bela, claro. O penteado de bailarina: o cabelo repuxado para o alto, arrematado por um coque louro. As meias não eram transparentes, e sim brancas, daquelas que grudam bem na pele. Via-se que suas coxas estavam afinando.

Fomos visitá-la, três de seus colegas de escola, e na verdade não sabíamos o que lhe dizer. Falar do tempo de bailarina a gente já tinha combinado que não. Falar das dificuldades que estávamos tendo com a professora de química também não. Estava difícil encontrar um assunto para falar com ela.

A mãe de Aline, dona Rosália, fazia de conta que nada tinha acontecido. Sempre alegre nos seus vestidos estampados, o cabelo bem penteado de mãe de bailarina. As duas tinham programado uma apresentação para nós três. Sempre programavam esses números para quem ia visitá-las. Talvez fosse o jeito que haviam encontrado para esquecer tudo, sobretudo os meses que passaram no Sarah. E foram muitos meses.

Agora já não éramos mais crianças, mas também não tínhamos entrado de vez no território dos adultos. O irmão dela, Carlos Eduardo, estava na sala entretido no seu videogame. Ouvíamos cá da varanda o ruído de pneus rangendo nas curvas e batidas violentas.

Havia sempre uma enfermeira perto de Aline. A daquele dia era magrinha, de óculos moderninhos de armação azul. Dona Rosália tocou uma sinetinha e ela veio trazendo a injeção antes das dores se alastrarem pelo corpo de Aline, que já

estendia o braço com a maior naturalidade. Parecia aceitar sua nova condição com o ar daqueles que fazem isso apenas para sofrer menos. Eu estava achando tudo muito triste e queria ir embora dali o mais rápido possível.

Foram Aderbal e Marilu que fizeram questão daquela visita. Por mim, jamais teria ido. Eu era apaixonado por Aline e aquela era a primeira vez que a via depois do acidente. Era uma dor a gente ver a melhor aluna da turma numa cadeira de rodas. As sapatilhas que ela fazia questão de calçar todas as manhãs, assim dona Rosália nos contou, estavam frouxas, os pezinhos já entortando. Eu queria ir embora, eu tinha de ir embora, talvez não aguentasse e começasse a chorar e eu não queria chorar na frente de Aderbal e Marilu. Nunca mais veria Aline na carteira ao meu lado.

De lá de dentro veio o som do *Lago dos cisnes* e Aline começou a dançar só com as mãos girando no ar, girando o pescoço ainda gracioso, longo, as veias ainda não saltadas como certamente saltariam um dia.

Tão bom se de repente ela pulasse da cadeira e saísse rodopiando nos seus passos de bailarina que nunca ficaria famosa porque a vida lhe tinha sido cruel além da conta. Aderbal e Marilu conseguiam falar alguma coisa, diziam que ela dominava bem o jogo de mãos e dona Rosália falou que precisávamos ver como ela tocava castanholas, e foi lá dentro pegar.

Ao voltar, tirou o CD do *Lago*, pôs um de música espanhola, e Aline começou a tocar castanholas como jamais eu tinha visto alguém tocar. A mãe estendeu nos ombros dela um xale vermelho e ela ficou mais linda. A beleza ainda não tinha partido e acho que tão cedo não partiria, porque ela sempre fora a mais bela entre as mais belas, e a beleza demora algum tempo para ir de vez.

Quando acabou a música, estávamos cansados de ver o esforço de Aline, só se movimentando da cintura para cima. Ela suave. Dona Rosália falou que era bom, que Aline assim fazia exercícios, e que a visita dos amigos era muito importante para dar vida àquela casa, em que o único som mais vivo que se ouvia era dos carros se chocando no videogame do irmão, sem nenhuma piedade.

Madame Viola faz escova progressiva

Madame Viola estava assistindo ao jornal quando viu a notícia de um acidente de carro num córrego da zona Sul. Pela cor e modelo do carro, tudo indicava que era o de seu marido. O motorista estava morto. Madame Viola teve uma atitude que jamais pensaria ter num momento como esse: tinha marcado hora no salão para sua escova progressiva e fez de conta que não tinha visto nada. Desligou a televisão, pegou a bolsa e desceu as escadas com medo de encontrar no elevador algum vizinho que tivesse ouvido a notícia. Aí ela teria de voltar para casa e chorar descabelada, ao pé da letra. No estacionamento, o porteiro olhou-a com uma cara que ela achou ser de condolências, mas ela fez que não viu.

Madame Viola foi direto para o salão onde se cuidava. Ainda bem que estava vazio. Falou que tinha marcado hora para sua escova progressiva, pois odiava aquele emaranhado de cabelos que, ao acordar, lhe dava um ar de alma do outro mundo, a cara branca demais sob a arapuca escura e desgrenhada. E aquele acidente chamaria a atenção de tudo o que era jornal e tv. Seu Nachbim era muito conhecido, homem forte da economia em seu estado, e não iam tardar os flashes em cima dela. Ainda bem que estava saindo de uma lipo que fora tudo em sua vida. Recuperara a cintura de vinte anos atrás, antes dos filhos nascerem. Ficar grávida tinha sido um desastre para ela, a cintura desaparecera e lhe restara um corpo inteiro, sem divisão nenhuma, parecendo um tronco de árvore mal cortado. Agora, não, já podia pôr um cinto de couro marcando o anúncio dos quadris largos, herança genética que nenhuma lipoescultura alteraria.

Madame Viola deitou a cabeça na bandeja de lavar os cabelos e fechou os olhos. A tv estava ligada e o jornal não tardaria. Pediu para mudar de canal, odiava notícias. “Já não aguento mais tanta notícia ruim”, ela falou. Gostava do programa para mulheres. Os textos de abertura que a apresentadora lia eram sempre uma lição para viver em sintonia com o mundo em que ela mergulhara de um ano para cá, depois da depressão que quase a deixara seis meses dentro de casa, sem vontade nem de cuidar dos cabelos. Era o seu primeiro sintoma. Apareceu um desenho que ela pensava nem mais existir, *Pica-Pau*. Foi uma volta ao passado, os filhos ainda pequenos, quando nem se sonhava que cabelos assustados como os

dela poderiam, um dia, ficar lisos e brilhantes.

A água morna foi uma doçura nos cabelos e nos pensamentos de madame Viola. Trouxe-lhe um relaxamento que ela não sentia nem mesmo quando seu Nachbim saía de cima dela. Madame Viola ainda tinha muita energia sexual, e de agora em diante ia ficar sem ter ninguém com quem dividi-la, mas não ia tardar, do jeito que estava ficando cada vez mais bela os homens iam fazer fila. Também seu Nachbim era um horror na cama, era todo apressadinho e, quando ela menos via, já era.

A tensão sumiu por alguns instantes. O cheiro de frutas do xampu a transportou para a infância, e o do condicionador deu-lhe a sensação de estar andando pelas ruas de Madri. Um sopro de alegria. Nem sentia as mãos de Jailton deslizarem pelo couro cabeludo. Só mesmo ele era capaz de dar o corte que ela desejava e cobrir seus fios brancos com a cor que ela escolhia nas revistas. Ele fazia umas misturas que nenhum outro sabia fazer, até chegar ao tom que, sob as luzes da tv, iriam fazer as pessoas ter mais uma vez inveja de madame Constância Viola.

Enquanto Jailton cuidava do cabelo, uma menina cuidava das mãos. Hoje ela queria um esmalte bem clarinho, nada de vermelho-sangue, como gostava. A menina até estranhou. Madame Viola só gostava de cores fortes. Assim, toda entregue a quatro mãos, madame Viola sentia-se a rainha do Nilo, por sinal, o nome de seu falecido marido. Falecido marido? Mas isso era uma novidade em sua vida! Até que enfim algo mudava. Desde que vira a notícia, se sentiu mais leve, aceitando o que a vida dá, como ensinavam os livros espíritas que a salvaram em suas crises. Até internada já fora uma vez, para ficar zanzando nos jardins da clínica, no meio de outros desmiolados. Foi o espírito de um tal Múcio que a fez mudar de visão e sair da depressão encruada. Morrer não era uma tragédia como parecia. Os relatos de mortos que voltavam para contar sua história não saíam de sua cabeceira. Deu também para frequentar centros espíritas e recebeu até uma carta de seu pai, que lhe dizia que a vida era para ser vivida e não chorada, que ele estava bem, ao lado de outros da família. Era uma carta linda, em que ele dizia também que a amava muito, ele que não era de derramar sentimentos. Que ela continuasse gozando dessa breve existência enquanto pudesse, que tudo é muito rápido, exceto o amor que sentimos pelo outro. Só não gostou quando ele disse que ela nunca temesse as nuvens escuras, pois faziam parte da vida. E enfim a nuvem chegara, mas, como ela estava preparada, não parecia ser tão escura assim.

A escova ficou ótima. Cada sessão custava uma fortuna, mas dinheiro era o que não lhe faltava. As unhas estavam perfeitas. A cor dos cabelos, nem se fala. Só faltou fazer o pé. Voltaria depois, ainda precisava resolver algumas coisas antes de ganhar o caminho de casa. Àquela altura, a portaria do edifício devia estar um

pandemônio, todo mundo aguardando-a, querendo ver a mais nova viúva da cidade, e das mais ricas também.

Madame Viola voltou para casa com o coração cheio de ansiedade, mas antes passou pela Butique da Imperatriz, uma alternativa para quem odiava a moda shopping, a moda em série que ela jamais comprava. Queria um vestido preto, que ficaria marcado como o do enterro do doutor Nachbim. Achou loucura ir comprar uma roupa nova, mas foi assim mesmo, tinha de ir. A morte não pode interromper a vida, é uma passagem como outra qualquer. Assim diziam os mortos que voltavam e ditavam livros enternecedores.

Diante da butique ainda hesitou um pouco. Podia ser que todos já soubessem do ocorrido e, em vez de receber vários vestidos para provar, iria, sim, receber os pêsames, e aí seu dia estaria perdido. Detestava as cenas de morte. Passou a mão nos cabelos mais escorridos que os de uma princesa sueca e entrou firme na loja. A dona a recebeu com a alegria de sempre, sinal de que não sabia de nada. Perguntou pelos filhos, pelo marido, e madame Viola: “Tudo bem, tudo ótimo”. Ali seu crédito era ilimitado, todos sabiam do dinheiro que o doutor Nachbim tinha. Ela disse que queria um pretinho básico, desses que a gente usa em qualquer ocasião e está sempre chique. A atendente trouxe cinco, alguns com pedrarias, outros lisos, que ela podia enfeitar como bem entendesse. Madame Viola ficou enlouquecida com um que trazia vários tipos de manga e golas que podiam ser acopladas pela mais tapada das costureiras, prático, e ninguém descobriria jamais que era o mesmo vestido com adereços diferentes. Nem ligou para o preço. Aproveitou também para comprar um novo par de óculos escuros. Dinheiro era para isso mesmo, vem a morte e fica tudo, às vezes para quem nem merece. Ainda bem que ela merecia. Quase teve uma tontura quando viu o vestido dentro da caixa forrada de cetim dourado. Pensou na mesma hora no caixão do marido, que teria de ser acolchoado. Um caixão forrado com o mais doce cetim, o último conforto a que um morto tem direito.

Madame Constância Jardim Viola saiu com a sacola ostentando o nome da loja mais querida das endinheiradas. Ainda deu uma olhadela no espelho que ficava na parede já perto da saída e viu como a escova deixara seus cabelos com um caimento perfeito. A cor, um ouro fosco, também estava perfeita.

Madame Viola ligou o carro e, na mesma hora, o rádio. Ouvira só o final de uma notícia de mais um acidente com motoqueiro na cidade. O repórter ainda aproveitou para falar mal deles, dizendo que são a chaga do trânsito em qualquer cidade e que era mais um morto para as estatísticas. Nenhuma notícia sobre o doutor Nachbim.

Chegou ao edifício onde morava. Nenhum tumulto. Tudo silencioso, apenas uma

babá com uma criancinha no escorrega do playground. Achou que ela a olhou com piedade. Cumprimentou o porteiro esperando algum sinal de compaixão. Nada aconteceu, e madame Viola entrou no prédio. Dessa vez não temeu o elevador. Queria até encontrar pessoas para saber mesmo se a notícia de que doutor Nachbim tinha morrido já era de domínio público. Estava sem sorte.

Subiu sozinha, de frente para o espelho, achando-se a mulher mais linda do universo. Abriu a porta do apartamento e a primeira coisa que fez foi ligar a tv. Esperou pelo plantão de notícias, e nada. Sentou-se na poltrona, toda empertigada, atenta ao menor ruído. Tinha medo de que os fotógrafos a pegassem de surpresa, por isso estava assim, toda bem sentada, o olhar fixo num ponto, para parecer alheada do mundo. Ouviu o ruído do elevador, que parou no seu andar. Ajeitou-se na poltrona, os cabelos mais belos do que nunca, de óculos escuros, o vestido preto ainda dentro da sacola, ao lado.

A porta se abriu e apareceu o doutor Nachbim, o terno escuro, os cabelos brancos arrematados por aquele rabinho de cavalo que ela tanto odiava. Madame Viola nunca sentiu tanta raiva de um rabinho como naquela hora. De repente, foi tomada por um choro descontrolado que nem mesmo todas as caixas de calmante que tinha em sua gaveta conseguiriam dominar. Ela via que o doutor Nachbim estava bem, muito bem. Só ela que não estava, com aquela raiva doida no peito, difícil de entender.

Paixão no delta

Ela: 68 anos, *legging* branca com um shortinho curto por cima, onde se lia “Cabo Frio” em letras bem redondas, bordadas com linha azul, deixando ver que ela era bem fashion. A blusa era de manga comprida, de listras largas de várias cores. Na cabeça, um bonezinho, de onde saía um rabinho de cavalo pela abertura. Nos pés: tênis brancos com minha soquete, branca também. O rosto conservava ainda os traços finos, a pele bem cuidada, nenhum sinal de plástica.

Ele: chamava logo a atenção pelos cabelos alvíssimos e espessos. Depois, pela altura. Tinha bem quase dois metros. A barriga também era avultada. O nariz, idem. Usava bermuda cáqui e uma camiseta branca bem cavada. Tinha para lá dos setenta e o ar de quem ainda não foi tocado pelas coisas ruins da idade.

Ela foi a segunda que a van pegou para levar ao delta do São Francisco. Ele foi o terceiro. Antes deles, só um senhor muito magro e quieto, que estava de livro aberto, já lendo às sete da manhã. Ele lia *Desesperados*, de Paula Fox. Devia ser um desesperado da vida, porque durante o passeio pelo delta não parou de ler o tal livro.

A van foi pegando mais gente pelos hotéis: dois casais que falavam uma língua estranha, um outro casal mineiro e mais um outro bem jovem, a destoar do resto, todos pela terceira idade.

Ele e ela logo se aproximaram. Ela, muito despachada, passou para o banco ao lado do homem alto, que se chamava Agostin, nome que ela não conseguia gravar. Só o chamava de Agostinho e ele a corrigia, até ela ser definitiva e dizer: “Pra mim fica sendo Agostinho”. Ela se chamava Glória, fácil de lembrar.

Glória tinha netos, Agostin também. Ela era do Rio; ele, de Rio Grande. A conversa deu liga. Ela estava num hotel de luxo; ele, numa pousada simples. O homem que lia observou que ele não teve coragem de dizer a ela que estava numa pousada. Falou que estava num hotel, simples mas bom. Ela disse que estava num que parecia um harém, tantos eram os véus que cobriam os caramanchões do jardim, e a piscina era tão convidativa que a fizera dar belas braçadas.

E enfim a van se foi por uma estrada nem um pouco pedregosa, diferente da da

“Máquina do mundo”. O rio, no ponto em que estava o catamarã, era tímido, ainda estreito para o que viria. E veio depois em toda a sua beleza azul, para se encontrar mais adiante com o mar.

No catamarã, um trio sertanejo tocava música de forró. Foi aí que Glória se mostrou inteira. Num minuto, descalçou os tênis, arrancou a blusa, o shortinho branco e a *legging*, ficando só de maiô engana-mamãe estampado, bem anos 1960. Para a idade até que estava bem, embora as varizes e a celulite se revelassem a cada requebro nos braços de Agostinho.

Agostin ficou de sunga azul, sem tirar a camiseta salvo quando mergulhou nas águas do rio horas depois, bem longe do olhar dos outros passageiros.

Glória e Agostin dançaram, tiraram fotos, dançaram, tiraram fotos. Quando o catamarã parou numa praiazinha, todos desceram para aliviar o calor que era muito, e os dois foram para um lugar mais distante. Vale dizer que ela tinha os dentes perfeitos. Ele também. Eram dois seres bem cuidados, talvez nascidos um para o outro, apesar da idade. Almoçaram bem o peixe com camarão. Ela repetiu três vezes; ele foi mais comedido: só duas. Ele tomou uma latinha de cerveja; ela, uma coca zero.

Já na van, de volta, dava para ver que os dois não tinham mais boa memória. Ela queria lembrar o nome do hotel em que tinha ficado em João Pessoa. Ele também tinha se hospedado lá. Mais um ponto de identificação entre os dois e algumas risadas. Ela achava que o nome era Malibu, Hotel Malibu, ele dizia que não era, sabia que terminava em “u”, o mesmo nome da praia, a principal de João Pessoa. Deixaram para lá, não se lembravam mesmo. Depois ele quis falar de uma iguaria que comeu numa confraternização da Câmara do Comércio do Rio Grande, mas não conseguia se lembrar do nome. Só lembrava que era feita com ovas de esturjão.

“O nome do peixe que é tão difícil você se lembra, mas da comida, não”, ela falou, sempre divertida.

Ela disse que nunca comeu aquilo feito de ovas de esturjão, mas achava que não iria gostar. Ele também não gostava, não apreciava frutos do mar, gostava mesmo era de uma carne malpassada.

Já no fim da viagem, ela só fez dizer:

“Quando você descer do avião com esse sorriso na cara, vão dizer que você viu passarinho verde.”

Dali a dois dias, cada um voltaria para sua cidade. Como tinham idade já avançada, devem ter se esquecido rapidamente um do outro, quem sabe no dia seguinte mesmo. O senhor que lia *Desesperados*, também em idade avançada, tentou depois escrever essa história de amor, mas não conseguiu.

Cremação

Dona Deusinha sempre teve horror à morte. Só de passar na frente da casa de algum defunto, ficava o dia todo se lavando, lavava as mãos, lavava a cara, os braços, tudo, tudo, tudo, porque ela se desesperava diante de qualquer morto. Nunca ia a cemitério, nem mesmo quando da morte do pai, nem mesmo quando da morte da mãe.

Aquele casamento tinha tudo para não durar, foi o que ela pensou logo na primeira noite com seu Odilon nos fundos da funerária, onde foram morar. Ela não ia conseguir viver com aquele homem que para ela tinha cheiro de flores amarelas e vela derretida. Ia terminar enlouquecendo. Às vezes se pegava falando sozinha: “Eu tenho horror à morte, se eu pudesse eu não morria, ninguém morria, e aí eu não sei o que ia ser da humanidade com tanta gente viva”, e nunca perdoaria Odilon desde a sua noite de núpcias, quando a levou para aquele quarto nos fundos da funerária só para economizar no hotel.

O sonho de seu Odilon era ficar rico, muito rico com os mortos, mas dona Deusinha sabia que, mesmo ficando rico, ele não iria aproveitar nada da riqueza. Para ela comprar um vestido, ele dava mil voltas, achava tudo muito caro, nada de entrar em loja chique, ele advertia, e lhe dava o dinheiro contadinho, não sobrava nem um troco para ela comprar um chinelo de dedo.

Sempre que dona Deusinha atravessava a loja repleta de caixões, passava de cabeça baixa, quase correndo. “É muito caixão, Odilon, muito caixão, eu não aguento mais ver tanto caixão!” Quando seu Odilon ia almoçar, ela se sentava longe dele, na outra ponta da mesa, ainda bem que a mesa era grande, dava até para botar um caixão em cima. Tudo lhe trazia o cheiro da morte, embora não soubesse qual o seu cheiro, pois nunca chegara perto de um defunto. Nem conseguia conversar com seu Odilon, ele comia feito um jumento, era como se estivesse mastigando carne de gente morta, porque ele não tinha outro assunto, era o tempo todo comentando como os parentes sempre queriam economizar no preço do caixão, ficavam pechinchando, pechinchando e terminavam levando o mais barato. Nessas horas, nem pareciam ter um morto esperando a hora de ser

encasacado. Era assim que ele falava, como se fosse possível brincar com a morte.

A única coisa boa da funerária era que ficava a três quadras da Paris Modas. Para esquecer o mundo dos mortos, dona Deusinha passava toda tarde por lá para apreciar as vitrines e também para ver seu Benjamin, paixão de sua juventude e de mil outras mulheres. Impossível não se apaixonar por aqueles olhos azuis, parecia um alemão, de tão louro que era. Mas era difícil vê-lo, metido nos escritórios, porque ele também só devia pensar em riqueza, os homens só pensam em riqueza. Maior sofrimento foi quando ela soube que ele tinha se casado com uma dentista linda chamada Heloísa, nome tão bonito, bem o contrário do dela, Delzuíta. Tirou seu Benjamin da cabeça e viu que tinha de se contentar o resto da vida com seu Odilon, sem outra esperança que a de ver caixões saindo aos montes para ele ficar rico, muito rico, e ela ir morar num bairro nobre chamado Jardins.

Quando, à noite, seu Odilon encostava nela, a primeira reação de dona Deusinha era afastar o corpo, mas era casada e casada tem de fazer os gostos do marido. Ela achava que as mãos dele eram muito frias, deviam ser assim as mãos da morte, porque seu Odilon estava morto no seu coração, bem mais morto do que seu Benjamin.

Seu Odilon tinha umas coisas doidas, queria que ela batesse nele. Ela batia devagar e ele pedia mais forte. “Força, Deusinha”, ele quase gritava. E ela só pensava agora em ir para a cama com ele para bater nele com toda força e já nem lembrava mais que tudo aquilo fazia parte do que chamavam “fazer amor”, e ele “Mais, mais, mais”, até que se esvaía na cara dela. “Coisa mais nojenta”, ela pensava, “homem terminar na cara da mulher”, por isso que demorou tanto a ter filho.

Apesar de tudo, os filhos foram nascendo e, quando ela viu, já eram cinco, o terreno atrás da funerária era grande e ele foi construindo um quarto atrás do outro, parecia até uma vila de quatinhos de gente miserável. A avareza era tão grande que não o deixava colocar um piso decente na cozinha, era tudo cimentado, tudo cinzento, da cor da morte. O quintal era de areia e os meninos ficavam brincando na água que saía do tanque, formando uma poça de espuma de sabão e lama. Não era de admirar que vivessem doentes, e seu Odilon sem querer comprar os remédios, mandando ela fazer chás e chamar a rezadeira porque era assim que a mãe dele curava as ziquiziras dos filhos quando ele era pequeno.

Com tanto filho, a mão de seu Odilon foi ficando ainda mais fechada, nada de babá, nada de empregada. Ela que tomasse conta da casa e das crianças porque era para isso que as mulheres eram feitas, foi o que ele disse quando ela falou de colocar uma mocinha para ajudá-la. Foi a primeira vez que ela sentiu mesmo vontade de encontrar seu Benjamin e viu como era fácil qualquer mulher trair.

Bastava não ter esperanças. Mas quem sabia por onde andava seu Benjamin? Àquela altura, com a chegada dos shoppings, a loja dele tinha ido à falência, e ele tinha sumido do mundo, abandonado, quem sabe, pela doutora Heloísa.

Numa madrugada, ela recebeu um telefonema dizendo que seu Odilon tinha morrido num quarto de motel. “Bem empregado”, ela pensou, “vai ver que foi levando uma sova da danada. Obrigada, menina”. Ela sabia das traições do marido e até gostava, só assim não precisava se sacrificar toda noite aos gostos esquisitos daquele homem cuja alegria maior era a morte de alguém. Ela sempre tinha sentido que ele não era homem de se contentar com uma mulher que agora só fazia bater nele, que tinha deixado de abrir as pernas depois do último filho, e o último filho já estava com quinze anos.

Uma semana depois da morte de seu Odilon, dona Deusinha deixou a funerária na mão dos filhos e pediu para alugarem uma casinha qualquer num bairro afastado, não precisava de luxo. Bastava estar longe daquele mundo de caixões e castiçais dourados. Ela não conseguia se ver dentro de um, os filhos arrumando as flores em torno de seu rosto, ajeitando os seus cabelos. Mas o que ela mais queria agora era encontrar seu Benjamin. Era sua última chance na vida.

Talvez no prédio da antiga loja alguém soubesse onde ele tinha ido parar. A loja chique era agora um bricabraque de produtos chineses, com um monte de baldes e vassouras na porta. Nada mais daquelas vitrinas com as últimas modas do Rio e Paris. No escritório, uma mulher falou que ele tinha morrido e já fazia um bom tempo. Dona Deusinha quis saber onde ele estava enterrado, para lhe levar flores no dia de Finados. A mesma mulher falou que isso era impossível, ele havia sido cremado.

Dona Deusinha sentiu o mundo acabar ali, naquela hora. Quando os filhos a visitavam, ela dizia que queria ser cremada e eles achavam muita graça naquele desejo repentino da mãe. Ela sempre perguntava se quem era cremado podia ressuscitar dos mortos, como dizia o “Creio em Deus Pai”. Os filhos se limitavam a sorrir, achando que dona Deusinha estava começando a perder o juízo.

Um traidor

Uma mulher faz sessenta anos, sozinha. No almoço comeu uma lasanha que tinha comprado na oferta da semana do supermercado. Comeu tudo, raspou até o que tinha ficado grudado no papelão. Tomou uma latinha de refrigerante zero caloria, não deixou nenhuma gota, afinal era seu aniversário. Nunca pensou que fosse chegar a essa idade tão só, mas chegou e não está infeliz por isso. Ela mesma foi descartando os amigos, as pessoas ligavam e ela não atendia. De manhã, na hora do café, colocou um CD com “Parabéns pra você”, cantado por diferentes vozes. Tinha Xuxa, Carequinha e mais outros cantores que ela não conhecia. O mais belo mesmo foi o executado por uma orquestra sinfônica, e ela dançou até se cansar.

Para ela é uma glória chegar aos sessenta com toda saúde, um pouco acima do peso, é verdade, mas saudável. Um dia desses, perguntou a um dos filhos se estava mais magra, e ele disse que ela parecia um botijão de gás. Ela nem ligou. Sabia de tudo o que acontecia com seu corpo, gostava muito de comer e disso não abria mão. Esse era um dos princípios de vida que ela escrevera numa folha de papel ao fazer cinquenta anos: nunca se privar de nada. A vida era curta e ela gostava muito de *cheesecake*.

Dona Maria Reina escrevera também que não ia largar seus prazeres de mesa nem mesmo se aparecesse um homem e exigisse que ela fechasse a boca para ficarem juntos. Fazia muito tempo que não tinha mais homem, e os filhos até se inquietavam com isso. Eles sabiam que na juventude ela tinha sido foda, como ela mesma dizia, com uma gargalhada solta. Na verdade, nunca a viram sem um homem por perto. Já que eles andavam escasseando para o seu lado, ela tinha inventado suas saídas. Mas hoje ela está muito feliz, faz sessenta anos, ainda consegue pular ao som de Xuxa e Carequinha diante do espelho da sala e a lasanha estava uma delícia. Pena não ter sobrado nada para comer à noite, no jantar.

Na tarde de seus sessenta anos, dona Maria Reina foi ao shopping. Comprou três shortinhos para andar na praia, pois desistira de vez dos biquínis. A gaveta está abarrotada deles, de todas as cores e de todos os tamanhos. Não cabe mais dentro

de nenhum, a não ser que queira deixar a bunda toda de fora. Mas a sua bunda já era, derrubada que está.

Além dos shortinhos, dona Maria Reina comprou uma blusa linda de alcinha e gastou só oitenta reais. Não é uma mulher de luxo, de entrar em lojas caras e sair só com uma peça por causa da grife. Prefere as roupas baratas, para comprar quatro, cinco de uma vez. Gosta de ver o guarda-roupa cheio, uma forma de não se sentir sozinha. Tem o hábito de conversar com cada peça quando vai usá-la. “Hoje é você? Não, é você.” Tem também a mania de comprar muitos móveis para preencher os espaços ainda vazios do apartamento, embora não haja mais tanto espaço assim. Só na sala tem três aparadores onde coloca seus potes de vidro e outras bugigangas chinesas. Tem tanta cadeira pela sala e pela cozinha que vive tropeçando nelas, como se fosse receber grandes visitas.

Quando faz uma coisa de que não gosta, dona Maria Reina vai para a frente do espelho e grita para si mesma: “Safada, sem-vergonha!”. Isso sempre acontece quando compra além da conta, a fatura chega e ela só pode pagar uma parte. Por isso que está cheia de dívidas. “Safada, sem-vergonha!”, grita e grita, depois sorri, achando que está ficando louca.

Só uma coisinha vem incomodando dona Maria Reina nos últimos tempos: um avental de pele que sobra no baixo-ventre, coisa de um regime que a fez perder vinte quilos. Voltara a engordar um pouco, não tanto quanto antigamente, mas o avental ficou. Pensa agora numa plástica, mas a ideia de entrar numa sala de cirurgia a assusta. Teve um melanoma na asa do nariz, mas tirou a tempo e estava curada. Ficou um buraco, mas está tudo bem. Depois do câncer veio a alegria de estar ótima e daí em diante passou a curtir a vida ao seu jeito, samba no pé nos finais de semana, na “Noite das sempre vivas”, para não dizer “das sempre solitárias”, quando um bar da praia fecha só para elas e homens da terceira idade. Eles são poucos e feios. Há mulheres demais no mundo, é o que diz dona Maria Reina. Nunca se engraçou com nenhum deles, todos muito derrubados. Comenta com as amigas que em homem depois dos sessenta só sobra a venta. As amigas riem com o bom humor de Maria Reina e ela dança sozinha no meio do salão, como dançou hoje ouvindo “Parabéns pra você”. Às seis da tarde, ela ouviu a música da Ave Maria em vários idiomas para agradecer por mais um ano de vida. Se ajoelha e reza, sempre faz isso, não só hoje, mas todos os dias. É muito piedosa a minha Maria Reina.

A mulher que faz sessenta anos e canta sozinha tem um hábito muito particular: senta-se numa poltrona diante da porta com vista para o mar e começa a se tocar. Ela comprou a poltrona só para isso, para ficar bem confortável. Esse segredo ela

só contou para uma pessoa, seu único amigo, um escritor já bem velho, que escrevia contos eróticos na juventude e diz que agora já não escreve mais. Ela espera que ele nunca mais escreva, pois é a ele que conta todos os seus segredos.

Dona Maria Reina tem todo um ritual para suas orgias: não tira toda a roupa porque não gosta do avental de pele que, sabe, precisará ser cortado um dia. Põe um vestidinho preto curto, arrepanha-o para o alto das coxas e começa a se alisar por cima da calcinha. Depois pega um creme de pitanga que comprou por causa do cheirinho que lembra sua infância e se lambuza toda. Não se depila totalmente, como está na moda, acha que fica muito infantil. Lentamente começa sua “sinfonia dedal”, o nome que ela deu ao seu ritual. Antes, lava bem as mãos para não levar nenhuma bactéria para dentro do corpo. Tem muito medo de infecção. Foi a ginecologista que recomendou essa assepsia e que a tratou de uns tricômonas. Ela fica horas perdidas naquele alisa-alisa até que vem o gozo. De repente, pula da poltrona, fica em pé, não pode ficar sentada, muito menos deitada, porque senão lhe vem uma puta dor de cabeça que a faz pensar que está tendo um aneurisma ou derrame. As pernas ficam tão moles que ela sai cambaleando até o banheiro para um banho bem gelado fazer o sangue circular pela cabeça. Perde até o fôlego. Ela acha que vai morrer assim, gozando, gozando, as veias da cabeça num estouro só. Dona Maria Reina é muito dramática.

Dona Maria Reina diz que já se libertou de companheiro para o sexo porque ninguém se interessa por uma senhora como ela (jamais usa a palavra velha). Diz que sua inspiração é sempre o mar, nunca um homem, não tem mais essas fantasias, e seu semblante fica triste. Tudo melhorou depois que descobriu seu ponto G, numa brincadeirinha enquanto tomava banho. Nunca mais largou o vício. Certo dia ela tomou uísque antes de sua sessãozinha e gritou tanto que o vizinho do lado veio saber se ela estava bem. Ela abriu a porta e disse que sim, estava muito bem, os cabelos sempre alvoroçados caindo no rosto. Depois perguntou a si mesma em voz alta: “Estou enlouquecendo? Pareço uma menina que se descobriu agora, Jesus!”.

Às vezes, três dias seguidos ela se toca profundamente e se dá um tempo para refazer as forças. Gosta mais à noite, porque pelo dia teme encarar as deformações do corpo. A barriga cresceu muito ultimamente, os peitos, que eram tão pequenos e firmes, começaram a se espriar para os lados. Ela não chora durante essas averiguações porque é muito forte.

Depois de sua sessãozinha particular, ela sorri, não sabe se é meio doida ou se todo mundo é assim mas não conta nada dessas intimidades para ninguém.

Dona Maria Reina, cabelos oxigenados, tem não mais que um metro e sessenta e

uma solidão que ela diz ser gostosa. Acorda sem precisar dar bom-dia a ninguém. Toma café a hora que bem entende e vai olhar o mar de sua varandinha.

Hoje foi o aniversário mais marcante de dona Maria Reina. Teve até sobremesa de muffins, que ela também adora, duas doses de uísque doze anos que ganhou do amigo a quem conta suas intimidades. Ela ainda tem muito amor para dar, não para ele, mas para si mesma. Com as amigas, ela comenta: como não posso amar a mim mesma se só tenho esse corpinho e nada mais para viver?

Parabéns, dona Maria Reina, ela escuta na televisão, ou foi só uma ilusão, querendo ouvir alguém lhe dando os parabéns? Pura coincidência. Era o repórter policial cumprimentando uma mulher num programa da tv, uma que faz propaganda de uma loja de material de construção, A Barateira do Lar. Incrivelmente, ela também se chamava Maria Reina. “Para a minha querida Maria Reina, que aniversaria hoje”, falou o repórter. A minha dona Maria Reina toma isso como um sinal de que o mundo é mesmo convergência, no seu misticismo tosco. O que ela achou estranho foi haver no mundo outra mulher com esse nome tão raro e aniversariando no mesmo dia que ela. Seu nome era para ser Regina, mas o escrivão se esqueceu do “g”, que ela encontrou depois, na escuridão do corpo.

Missa de sétimo dia

Se me perguntassem por onde anda Angeline, eu diria: no céu. Soube da notícia pelo jornal, num anúncio de missa de sétimo dia. Filhos, irmãos, netos, sobrinhos, noras, genros convidavam. Nunca pensei que ela tivesse família tão numerosa e importante, a ponto de colocarem convite de quase meia página no jornal. Ela sumira de minha vida e de muitos outros homens sem dizer nada. Eu achava que ela já tinha morrido havia muito tempo. Sempre passava por sua sala para ver se ela tinha voltado, mas em seu lugar ficara uma firma de contabilidade, depois uma de importação e exportação, e, por fim, mais de acordo com ela, um *sex shop* meio camuflado de loja de lingerie apimentada.

A missa era na catedral, numa quinta-feira. Eu ia chegar atrasado à faculdade, mas por Angeline eu perderia qualquer coisa. A aula eu reperia depois.

Me sentei logo na primeira fila. Uma mulher veio e me pediu para desocupar aquele lugar, ali era só para a família. Tentei argumentar, falei que Angeline era como uma pessoa de minha família, se eu não podia ficar entre eles, tinha o maior carinho por ela. Não convenci.

“Quem é o senhor, por favor?”

“Um amigo dela.”

“Não parece ter a idade dos amigos de minha sogra”, disse a mulher.

“Fomos amigos muito tempo atrás.”

A mulher não pareceu gostar nem um pouco daquela referência, fez cara de desconfiada, pois eu era jovem, no fim da casa dos trinta ainda. Me lembrei de um filme que fez muito sucesso, *Ensina-me a viver*. O filme não vi, mas vi a peça em São Paulo. Angeline me ensinou a viver, embora eu já a considerasse uma velha quando a conheci. Era daquela geração que depois dos cinquenta já apresentava todos os sinais da velhice: corpo curvado, mãos enrugadas cheias de manchas escuras, cabelo sem nenhuma tinta. Eu tinha uma dívida para com Angeline. Somos muito gratos a mulheres que nos ensinaram a ser homens e a não ter vergonha disso, com todas as calhordices que nosso sexo comporta. Me lembrei de mim barganhando o preço das sessões, quando ela merecia muito mais. Agora

dava para entender por que ela não ligava para dinheiro, a família tinha posses. Ela fazia aquilo por amor.

Pela reação da nora, Angeline atendia os clientes sem que a família soubesse. Ou sabia? Porque, do jeito como a mulher me tratou, era como se eu fizesse parte daquele passado de Angeline que a família gostaria de esquecer, talvez. A missa podia ser uma forma de pedirem a remissão de sua alma de pecadora, adjetivo que não caberia jamais na história de Angeline. Para mim, ela foi uma santa que, toda tarde, ia para sua salinha ganhar seu dinheirinho com o suor de suas mãos. Talvez contasse à família que ia ao shopping, há velhas que são loucas por shopping, por bingo. Naquele tempo havia bingos.

A nora foi lá conversar com o resto da família, que estava aglomerada na porta da igreja, recebendo os convidados. Dali a pouco voltou e disse que a família pedia a minha retirada não só do banco, mas também da igreja. Mais um sinal de que eles queriam mesmo apagar o passado de Angeline. Eu não quis implicar, ela não merecia um bate-boca no dia de sua missa. Fiquei no fundo da igreja, mas mesmo assim um senhor calvo veio e pediu de vez que eu me retirasse. A missa era uma cerimônia íntima, eu não via? Tinha jeito de delegado de polícia. Eu podia não sair, o espaço era público.

Fui lá para fora e só entraria quando começasse a missa. Eu achava que deveria chorar por Angeline. Foi a única mulher que me levou ao gozo mais completo que um homem pode desejar. Não falarei como ela conseguia isso, seria trair sua maneira de ser, tão discreta, tão longe de qualquer censura, tão distante de qualquer vaidade. Foi com ela que eu vi quanto é importante um homem se descalçar diante de uma puta, embora Angeline não o fosse. Quando eu dizia a ela que ninguém jamais havia me feito chegar a tanto gozo, ela sorria. Sabia usar bem as mãos com aqueles óleos de perfume adocicado que não consigo identificar até hoje. Acho que tinha amêndoas, um pouco de capim-limão e umas notas de almíscar, como dizem os perfumistas. Senti um deles chegar a minhas narinas ali, na catedral. Juntar Angeline e Deus era algo possível. Porque havia algo de divino nela, em seus dedos que vasculhavam tão fundo a alma de todos que a procuravam.

A família já se acomodava no banco. Aliás, três longos bancos. Havia uma jovem, devia ser neta, muito parecida com Angeline. Aí me deu uma vontade doida de, ao final da missa, me aproximar dela, lhe dar os pêsames, saber seu nome e entabular, quem sabe, uma conversa, um encontro. Tudo é possível. Sempre acho que uma boa conversa resolve tudo. A ideia de casamento brilhou pela primeira vez em minha cabeça. Pela cara, a jovem devia se chamar Beatriz, que é nome de mulheres que nunca perdem a beleza. Beatriz, nada a ver com

Dante, mas comigo, de nome tão comum: João Paulo.

Nunca achei missa algo bonito, mas aquela foi. Fazia tempo que eu não entrava numa igreja. De repente descobria Deus através de Angeline. Fiquei lá no fundo, perto da porta de saída, temendo que alguém ainda viesse me expulsar. Felizmente, não. Há muito tempo que eu não assistia a uma missa. Iria a partir de então, porque o cheiro de incenso, as palavras ecoando na abóbada iluminada pela luz natural, o cheiro de vela, tudo me transportou ao sem tempo. Angeline tinha morrido, mas deixou o caminho aberto para minha salvação. Ela continuava cuidando de mim. Havia um órgão tocando músicas que não levavam necessariamente à tristeza, mas à celebração da vida. Havia também um coro de crianças. A certa altura, pensei: “Será que essa Angeline é a mesma em que estou pensando? Ela tinha uma família tão bem de vida a ponto de contratar um organista e um coro de crianças?”. Ela parecia de classe média bem média. Sua salinha era minúscula, com uma cama de massagem e uma mesinha com um monte de apetrechos: vibradores de todos os tamanhos, anéis retentores de vários tipos, pomadas, cremes, óleos, camisinhas de sabores variados (ela adorava menta) e um ventilador de teto que só faltava cair sobre nossa cabeça. Sempre pensei que minha Angeline fosse um nome de fantasia. Até me recriminei de nunca lhe ter dito meu verdadeiro nome. Ela pensava que eu me chamava Augusto.

Toda a família estava bem arrumada, as mulheres cheias de brincos, brilhantes, pulseiras de ouro; os homens de paletó e gravata. Comecei a desconfiar de minha sanidade mental, porque nunca fui de ir a enterros nem a missas de sétimo dia, nem a qualquer tipo de missa. Nem à da minha formatura eu fui. Achei que tinha me exposto à toa, fazendo emergir na família a verdadeira alma de dona Angeline por meio de minha pessoa. Ela era agora uma morta de respeito, mas em vida também o fora, não era porque fazia massagens em homens que ela não se dava o respeito, pelo contrário, era uma tarefa nobre e difícil. Quanto prazer ela não deu numa só tarde a muitos de nós, desenganados de qualquer paixão?

A missa terminou e todos ficaram na frente do altar, tirando fotos, sempre muito reservados. Tinham os olhos ainda molhados por causa do sermão do padre, que falou da vida virtuosa de dona Angeline, comparando-a à viúva de Sarepta, da Bíblia. Ela era virtuosa, sim, em despertar nos homens mais ásperos os melhores sentimentos, e nenhuma culpa, em fazê-los gozar em suas mãos enrugadas como se estivessem conspurcando uma senhora de respeito. Era essa a sua atração. A gente achava que estava sujando uma pessoa que jamais deveria sujar, como uma avó compreensiva diante dos lençóis molhados do netinho. Foi com ela que descobri que não há nada mais atraente no sexo do que conspurcar o que não deve ser conspurcado. Nessa transgressão estava todo o prazer que ela nos dava por um

preço tão acessível. Com ela os conceitos de virtude, respeito, amor, carinho, todos foram adquirindo sentidos ao reverso, mas sem deixarem de ser virtude, respeito, amor e carinho. Há casos de mulheres bem intelectuais que gostam de ser putas, e Angeline podia ser uma delas, tranquilamente.

Um santinho de dona Angelina Árcego da Luz foi distribuído entre os presentes e eu vi que se tratava mesmo dela. Tinha passado por um bom Photoshop, mas o olhar suave era o mesmo, o esboço de riso era o mesmo. Se colocasse aquela foto num programa de computador que regredisse a idade, iria dar naquela jovem a quem dei o nome de Beatriz. Saí da igreja com uma vontade maluca de ir até sua antiga salinha e depositar na porta uma coroa de flores em sua homenagem. Mas quem já viu coroa de flores em porta de *sex shop*?

A caixa

Não há histórias de amor sem cuecas e calcinhas. Só assim Annemarie percebeu que a vida de casada não se restringia a um encontro todo fim de tarde, os dois voltando do trabalho para tomar um chopinho no bar da esquina, a noite diante da tv, ela obcecada por novelas, ele por noticiários. Recebera pelo correio numa caixa de Sedex a cueca de Duda com uma marca de batom. E, num bilhete pregado com alfinete na abertura lateral: “Onde aguardo seu marido com a maior alegria”. Talvez fosse vingança dele, já que ela não se aventurava a pôr aquilo na boca. Toda vez que se aproximava sentia engulhos, só faltava vomitar. Desistia, mas via bem como ele se empinava todo para ela abocanhá-lo, a gota de orvalho brilhando na castanha de caju de seu belo jardim.

Annemarie ficou sentada na poltrona com a caixa entre as pernas, a cueca aberta, uma cueca branquinha que ela havia comprado em Nova York com tanto gosto, cintura de elástico largo onde se lia o nome do estilista chique. Bem moderninha, afinal Duda era um homem moderno e não assentava com cuecas em pacotes de três ou quatro, de preço tentador nos supermercados. Adquirira numa loja elegante, o preço de uma camisa, mas Duda merecia. Bem que ela notou a falta, ele nunca mais aparecera vestido com a cueca. Ela havia remexido a cesta de roupa suja, as gavetas, e não a encontrara. Deixou para lá. Gostava de vê-lo com ela, bem anatômica, estilista não brinca em serviço, a malha doce ao toque, e ela vibrava com a abertura lateral prestes a lhe entregar em mãos o que não encomendara, mas que a vida lhe dera sem nenhum ônus. Mas agora estava ali o preço a pagar por ter dentro de casa um homem perfeito, pelo menos de corpo. Quem seria essa outra que atrevidamente a afrontava daquele jeito?

Pensou logo em correr para a casa da mãe. Deixaria um bilhete ao lado do outro bilhete, e ele não teria jamais coragem de procurá-la. Preferia acertar tudo por telefone, advogado, os bens ainda eram poucos, a casa era dele, herança de família. Annemarie estava arrasada naquele sábado de Aleluia. Duda saíra para jogar bola com os amigos.

Melhor esfriar a cabeça. Não tomar nenhuma atitude precipitada. Levantou-se, a

caixa caiu no chão e a cueca ficou ali, sobre a poltrona. Ela achou que havia uma mancha amarelada, devia ser de... Ela odiava linguagem chula, mas naquela hora pensou “porra” mesmo. Seu marido era uma porra, um caralho, o cacete, vontade de gritar todos os palavrões do mundo para os vizinhos ouvirem. O amor também tem seu lado porco, seu vocabulário de latrina, que Duda soprava em seus ouvidos para apressar o gozo. Ele dizia que sem palavras sujas o amor não funciona.

Nem um ano de casada e já afrontada por uma desconhecida. Parecia cilada, coisa armada há muito tempo, vingança. Vai ver os dois já eram amantes antes de ela e Duda se casarem. Se ele deixou a cueca lá era porque tinha outras para trocar, a não ser que tivesse chegado em casa sem nada por baixo. Passou o dedo na mancha ressequida, não tinha dúvida, era porra, pensou agora com mais tranquilidade. E se fosse uma brincadeira do próprio Duda para testar sua reação? Não, ele não era capaz de brincadeira tão idiota. O remetente era falso, a rua nem existia, ela procurou no Google Earth. Não havia nenhuma rua Dona Ruth Cardoso em sua cidade. O remetente, Marisa Letícia. Brincadeira mais idiota, usar o nome de mulheres tão dignas. Vai ver Duda até tinha um filho com essa outra, um homem é capaz de tudo. Não viu o ministro? Cara de santo e de repente participava de festinhas com garotas de programa numa casa de muro alto.

Annemarie foi até a geladeira e tomou um copo d’água. Estava atordoada. Se Duda chegasse naquela hora, não sabia do que seria capaz. Via agora que todo mundo traz dentro de si um assassino, é só aparecer a sua hora. Melhor ganhar tempo. O pior de tudo era que jamais iria querer vê-lo de novo com aquela cueca, marca de sua traição. Tão cara lhe custou e ele foi usá-la logo com quem, com uma puta, só podia ser uma puta. Não, Annemarie, tudo, menos perder a compostura. E à noite ela teria uma festa de aniversário para ir, não sabia como.

O celular tocou. Era Duda. Era para saber se ela queria ir almoçar com ele, era sábado de Aleluia, podiam ir comer um peixinho na praia. Annemarie ficou muda. Não sabia dizer nem sim nem não.

“Annemarie, Annemarie”, falou Duda do outro lado da linha.

Annemarie sentia a garganta travada, de onde não conseguia puxar um sim ou um não. “Annemarie, Annemarie”, e ela nada de conseguir responder.

“Você está bem, Annemarie?”, ele perguntou.

Finalmente ela conseguiu dizer um “tô”, com muita dificuldade. Sentiu que Duda ficou preocupado, mas ela não queria que ele voltasse logo. Precisava pensar o que fazer.

“Vamos comer um peixinho na praia?”, perguntou de novo.

Aquele diminutivo deu mais nojo nela que a mancha da cueca. Além do mais, era cínico. Ele só usava diminutivos quando queria algum perdão.

“Peixinho, ah, que gracinha, comer um peixinho”, ela conseguiu enfim dizer e desligou o telefone.

A cueca olhava para Annemarie com sua brancura maculada. A caixa continuava no chão. Ela a pegou e colocou a cueca dentro com o bilhete para decidir o que fazer. Deixaria a prova do crime tal como a recebera. Deixaria que a vida fizesse dela o que bem entendesse. Até antes da caixa, ela era tão feliz quando dizia “meu marido Duda”, e agora... A vida de casada era mesmo o que sempre imaginara, fodas gostosas à noite, e, ao pensar assim, com a palavra que mais odiava, sentiu uma abertura no peito, fodas gostosas à noite, à tarde, a qualquer hora do dia. Que alívio! Ela conseguia pensar tranquilamente com as tais palavras sujas. Diziam que era assim, que, sem elas, a vida a dois não se sustentava, ela tinha mesmo era que foder, que meter, que chupar o caralho de Duda até a última gota. Sim, aquilo foi um teste de Duda para ela se livrar das carolices antigas. O melhor a fazer era jogar a caixa no lixo.

Ao voltar da área de serviço, Annemarie se sentou na poltrona, com a alegria de viver recuperada. Com a voz tranquila retornou a ligação. Ia comer, sim, um peixinho na praia.

Salviano

Todo mundo acha que só cachorro se comunica bem com a gente. Qualquer bicho se comunica. Quando criança, eu tive um pato que me obedecia, mas acabamos comendo-o num domingo de necessidade. Eu não gostava de comer bicho a que me apegava. Depois foi uma galinha, mas galinha dava para comer, é tudo igual e tem muitas no mundo, mas assim mesmo eu tinha pena. Não gostava de ver minha mãe puxar o pescoço delas e as coitadas ficarem se estrebuchando dependuradas na cerca para serem depois depenadas. Quando me via triste por essas e outras coisas, minha mãe sempre dizia “É a vida”.

Logo cedo descobri que qualquer bicho nos entende, mais do que qualquer pessoa, qualquer pai ou qualquer mãe. Alguns eram mais ligados a mim, como aquela pombinha de peito dourado. Dei-lhe até nome: Josefina, o nome da minha avó, que tinha morrido fazia pouco tempo. Um dia, sem menos esperar, veio uma doença que matou todos os pombos, e eu fui jogando-os num buraco enorme que ajudei meu pai a abrir num terreno baldio. Mas hoje desconfio que foi ele quem os matou porque reclamava o tempo todo que estava gastando muito dinheiro com milho, e pombo é bicho que não vende.

Até com os miquinhos eu me comunicava bem. Eles vinham comer banana no quintal e ficavam me olhando com aquela carinha de quem está nos reconhecendo. Minha maior experiência, no entanto, foi com um porco. Um porco que conversava comigo e eu, com ele. Toda tarde, quando ia levar a comida, restos do que sobrou o dia todo lá em casa misturados com farelo, ele, ao me ver de longe, chiava diferente dos outros. Dei-lhe um nome: Salviano. Não sei por que botei esse nome, mas para mim ele tinha cara de Salviano.

Minha mãe não gostava dessa minha amizade com os bichos. Dizia que passavam doença, e peguei mesmo uma sarna de um cachorro que morreu de tanto se coçar. E porco, ela dizia, é o bicho mais porco do mundo. Mas Salviano era de um rosado vivo, o focinho limpo, diferente dos outros. Entre os oito da ninhada, ele foi o que logo se apegou a mim. Era o primeiro a pôr a cabeça entre as tábuas quando eu chegava e me dava a cabeça para coçar. Os outros ficavam se

empurrando uns aos outros. Ele, não, se isolava, esperava que eu lhe fizesse um carinho e só depois ia comer. Pedi à minha mãe para separá-lo dos outros, dar um chiqueiro só para ele, mas ela teimou que não: “Porco é tudo igual”.

O chato de bicho é que cresce rápido. Não via os patos? Com dois meses já estavam se emplumando e perdiam aquela beleza de quando eram de uma só cor, bem amarelinhos. Eu não gostava de ver bicho crescendo. Me dava uma agonia ver o corpo se transformando, ficando feio, perdendo a leveza. Com gente era a mesma coisa. À medida que o tempo passava, as pessoas só iam ficando feias, velhas e sem dentes.

Para mim, depois de Salviano, só porco era diferente. É um animal sempre bonito, muda pouco de cara, não muda de pelo, só cresce e engorda. E Salviano foi ficando gordo. Os outros já estavam com ciúme, eu via, e fazia de propósito para que ficassem mesmo com ciúme. Achava que eles iam se juntar um dia e devorar Salviano e a mim, se eu entrasse naquele chiqueiro.

Foi a primeira vez que tive um porco. Falava com ele, ele me respondia. Perguntava: “Quer comer, Salviano?”. Ele respondia com dois roncos: “Sim, sim”. “Seus irmãos estão maltratando você, Salviano?” Ele respondia com três roncos: “Sim, sim, sim”. Quando era não, era só um ronco. E eu tinha que perguntar sempre com o nome dele no final. Se não pusesse Salviano, ele não respondia, ficava só me olhando com seus olhinhos apertados.

Até que um dia veio o que está no caminho de qualquer porco. Era nessa hora que entrava meu pai. Ele falou que não estava mais aguentando alimentar tanto bicho faminto. Não havia comida que chegasse. Eram sacos e sacos de farelo que enchiam a nossa sala. Até no quarto e na cozinha tinha, e ele precisava se capitalizar. Era assim que ele falava e eu não entendia. Não tinha jeito: era só o bicho ganhar peso e ele chamava o marchante.

O homem vinha ver, dava um preço bem baixo, e aí começavam as negociações, que podiam durar horas. Eu sabia que, depois de muita conversa, ele ia terminar levando tudo. Primeiro meu pai fazia cara de quem não quer, de quem achou pouco, gostava de uma negociação, servia até um conhaque de alcatrão para a conversa ficar mais animada. Só parava quando não tinha mais jeito e via o marchante meter a mão no bolso e puxar o bolo de dinheiro. Os olhos dele faiscavam. Eu já devia estar acostumado, ele prometia uma roupa nova para mim, mas depois se esquecia.

O que não eu entendia era por que todos os marchantes se comportavam igual. Regateavam, regateavam, baixavam o preço, depois subiam um pouco e, por fim, negócio fechado. E, quando botavam os porcos na camionete, viravam uns bichos, batendo neles sem nenhuma piedade. Ainda pedi à minha mãe para deixar

Salviano, porque, se eu o visse subir na camionete, ia ser difícil segurar o choro, e meu pai não aturava ver ninguém chorando. Eu sabia que Salviano ia me olhar com seus olhinhos apertados, me dando a entender que sabia qual o seu destino. Mas pedido de criança é igual a nada.

Foi duro ver naquela tarde Salviano sendo empurrado para a carroceria da camionete junto com seus irmãos. O homem não tinha nenhuma piedade. Chutava os porcos de tudo que era jeito. Felizmente consegui segurar o choro. “Assim é a vida”, pensei pela primeira vez, enquanto meu pai molhava o dedo na língua para contar melhor o dinheiro.

As margens férteis do Nilo

A professora Normélia, logo na primeira aula, deu a entender que era uma pessoa perdida no mundo. Foi justamente por isso que Lee Osvaldo se apaixonou por ela. Sempre tivera certa queda por professoras, ainda mais quando demonstravam fragilidade. Enquanto a turma inteira se revolia numa bagunça inusitada, Lee Osvaldo olhava a professora, e seu olhar dizia quanta pena sentia dela. Quando ela se virou para o mapa para falar das margens férteis do Nilo, a voz sumiu e Lee Osvaldo, aflito, se levantou, fez quase um discurso, pedindo silêncio aos colegas, cada dia mais endiabrados. E era só com ela que aquilo acontecia. Os padres não toleravam bagunça e, na certa, iriam despachar a professora Normélia, com seus olhos azuis, cabelinho louro e ralo, e o melhor: pernas perfeitas. Vá ver era isso que deixava os meninos em desespero. Ela ficou em silêncio, olhando para ele, toda desarmada. A bagunça chegou ao auge, e foi com desespero que ele a viu arrumar os papéis, pegar a bolsa sem dizer nem tchau, para nunca mais.

TRINTA ANOS DEPOIS

Era ela, sim, aquela voz ele conhecia. Era um congresso de geografia. Ele só se inscrevera por causa do nome dela. Impossível haver duas Normélias, ainda mais falando do rio Nilo.

A senhora gorda usava um vestido longo, solto no corpo, muito colorido. O cabelo continuava louro e mais ralo. Se ele visse as pernas, a identificaria na hora, tinha certeza, mas o vestido comprido não permitia. Ela estava de óculos escuros, apesar do auditório muito iluminado. Só podia ser ela, a timidez era a mesma, a voz quase sumida, não fosse o microfone ninguém a escutaria.

Lee Osvaldo ficou aflito. Só tivera um semestre de aula com ela, mas foi marcante demais, a ponto de ele ter ido ao Egito só para ver as terras férteis de que ela tanto falava, mas detestou o Cairo e sua bagunça aterradora. Nunca mais tivera notícia da professora Normélia. Ela devia, no mínimo, estar dando aula na Sorbonne, cacife para isso tinha.

Assim que terminou a exposição, a professora Normélia foi cercada ainda em sua mesa por uma multidão. Lee Osvaldo esperou pacientemente sua vez. E, quando se aproximou, perguntou se ela se lembrava dele.

“Depois de tantos anos...”, ela falou.

Ele foi dando dicas: colégio dos padres, cheiro de café nas torrefações do mercado, aquele cheiro bom que se espalhava pelas salas de aula, ela até comentava, quando os alunos deixavam, que era doida por café.

Ah! que eu não tenho mais paciência para esse tipo de papo, alunos que faço questão de esquecer...

Ele sabia que a frase “quando os alunos deixavam” faria a professora Normélia voltar no tempo. O cheiro de café também a levaria àquela manhã de junho em que desistira de ser professora de pirralhos mal-educados. Hoje era doutora em microclimas, segundo o folder do encontro.

O que quer esse senhor gordo comigo, que pentelho!

Lee Osvaldo não conseguia segurar a atenção da professora Normélia. Ela continuava escorregadia e, de repente, sumiu. Ele foi encontrá-la na cantina, com uma garrafinha de água, sozinha numa mesa, de costas para quem passava. Lee Osvaldo se aproximou, tocou no ombro dela e viu como ela continuava a mesma mulher assustada de antigamente.

“Ah, é o senhor de novo?”, ela disse.

Foi nesse instante que ele sentiu que nada mais os unia. Por mais que insistisse, ela disse que não se lembrava dele, de jeito nenhum.

“Foi bom a gente se reencontrar depois de tantos anos, mesmo sem a senhora se lembrar de mim”, foi assim que ele falou, e estendeu para ela um livro pedindo que o autografasse.

Ela pegou a garrafinha de água e tomou mais um gole antes de pegar a caneta, perguntar o nome dele e escrever um seco “Para Lee Osvaldo, atenciosamente”.

Quem esqueceria um nome desse na vida, esses olhos esbugalhados e esse cabelo cor de cenoura?

Lee Osvaldo esperava algo mais carinhoso. Esperava também que aos poucos a memória dela fosse voltando e ela o visse discursando para os colegas, pedindo silêncio. Verdade que ela o vira adolescente e ele era agora um senhor tão gordo quanto ela, mas impossível ela não se lembrar de seu nome, talvez fosse o único Lee Osvaldo no mundo.

Em certo instante, ele achou que ela o tinha reconhecido, sobretudo quando ele falou que se levantara para pedir silêncio à turma no dia em que ela resolvera

largar aquela profissão para sempre e ser apenas pesquisadora de uma fundação preocupada com o clima, como o diretor disse na época. Ele viu bem que ela fez um gesto tremido com os ombros como de quem se lembra de algo muito ruim e quer esquecer. Quando já não tinha mais como continuar a conversa, ele disse sem mais nem menos: “Hoje sou um homem rico. Um homem rico, com dois belos filhos e uma mulher que não me ama”.

Se acha que vou perguntar como ficou rico, está perdendo tempo. Foda-se. Difícil mesmo amar uma pessoa igual ao senhor, com esses olhos esbugalhados e esse cabelo nojento.

Lee Osvaldo percebeu que nada fazia a professora Normélia vir em sua direção. Nem mesmo aquela declaração, “uma mulher que não me ama”. Ao sentir que não havia como reatar os anos em que se perderam um do outro, ele disse que nunca entendeu como uma mulher tão bonita, tão inteligente, pôde se deixar dominar por um bando de pirralhos a ponto de desistir da profissão. Por causa dela tinha ido ao Egito só para ver as terras férteis do Nilo e se decepcionara. Nunca vira tanta sujeira num rio, tanta lata de conserva enterrada na lama. No pouco tempo que teve aula com ela, deu para sentir que ela era uma boa professora. Nunca a esquecerá. Mas sempre lembrava dela com certa piedade.

“Não estou entendendo aonde o senhor quer chegar”, ela falou, com um distanciamento e uma objetividade que o assustaram.

Será que ele achava que depois de trinta anos eu continuaria a mesma, sem saber para onde ir? Pelo amor de Deus!

Para recuperar o fôlego, Lee Osvaldo puxou da carteira uma foto dos filhos.

“São lindos mesmo”, falou a professora Normélia, sem olhar para ele.

Lee Osvaldo guardou as fotos, tomou um gole de coca e ficou olhando o teto da cantina como se catasse alguma história para contar. Mas nem as emporcalhadas margens do Nilo o salvaram daquela mulher de gestos secos, contidos ao extremo.

A professora Normélia terminou de tomar sua água e se levantou sem dizer nem até logo, igual ao que fizera em sua última aula. Lee Osvaldo ficou bebericando a coca, com pena de não ter todos os colegas ali ao lado para dar naquela velha uma vaia que ela jamais esqueceria.

Três lembranças

O que ela mais queria na vida era esquecer. Esquecer tudo. As lembranças vinham feito uma avalanche em sua cabeça, agora sem nem um fiozinho preto. Começou então a fazer exercícios de esquecimento. Já havia esquecido quase tudo, mas três lembranças persistiam.

“Dona Moara, para o quadro!” Era a voz do professor que a fez odiar para sempre os estudos. Ela ia para o quadro, errava tudo e depois o professor zombava dela, a turma inteira ria. Pior quando ele pedia para ela pronunciar “man-di-o-ca” e ela só dizia “man-djo-ca”. Essa lembrança era difícil de tirar de sua cabecinha. “Eu era muito menina”, ela fala, e todos os sobrinhos riem, achando que ela está contando mais uma história inventada, mas dona Moara nunca mente. Ela diz que não é para rir. Até hoje sofre. E no exame oral, na frente de todo mundo, o professor pediu que ela pronunciasse “man-di-o-ca”. Perdeu o ano por isso.

Depois tem uma outra pior, que ela só contou uma vez para a irmã que já morreu: quando menina, pegou um dia o pai em cima da mãe, e a mãe gritava, esperneando, ela não sabia que seu pai era tão mau. Quando cresceu mais um pouco, entendeu que os dois não estavam brigando, faziam apenas uma coisa normal que acontece entre homem e mulher. Desde então, ela deu para olhar a cara da mãe demoradamente e não entendia como ela deixava aquele homem pesado se deitar em cima dela e ainda dizia que o amava, como contava para todo mundo depois que ele morreu de uma febre sem nome. Essa lembrança doía muito, dona Moara nunca conseguiu perdoar os dois. Por isso nunca quis casar. O verbo namorar para ela era palavra feia, não o pronunciava de jeito nenhum. Em vez de “namoro” dizia “compromisso”. “José de tia Dedé queria compromisso comigo, pensa que eu quis?” Ela falava de um primo que a cortejou muito e depois foi embora para o Rio, desiludido. A mãe dizia: “Case, Moara, é difícil a vida de mulher sozinha”. Casar como, se ela tinha medo de um homem em cima dela?

A terceira lembrança que ela queria esquecer era o pedido de casamento do primo Toddy, que ela mal conhecia. Decorrente da segunda má lembrança, essa terceira a deixava nervosa só de pensar que seria aquele rapaz que ia fazer com ela

o que vira o pai fazendo com a mãe. Quando ele apareceu todo de branco, até os sapatos eram brancos, e pediu sua mão para casar o mais rápido possível, dona Moara teve uma tal crise de nervos que precisou ser levada para tomar uma injeção no pronto-socorro. O primo sumiu e ela nunca mais falou nele nem em mais nenhum outro que usasse perna de calça, como dizia.

Quando contava histórias para os sobrinhos, evitava as dos príncipes encantados, porque todos eles mais cedo ou mais tarde estariam cobrindo as princesas, como os cavalos faziam com as éguas no pasto. Preferia que os príncipes se transformassem em sapos. Era muito mais confortável ver os sapos indo em direção ao brejo do que um cavaleiro para a cama de uma princesa. Que a adormecida dormisse para sempre, sem príncipe nenhum para acordá-la, sobretudo se ele viesse todo de branco, como o primo Toddy em sua memória.

Enquanto espero

Os homens são tão previsíveis... Sobretudo quando estão entre minhas mãos, porque todo homem se resume a um pedaço de carne esponjosa cheia de sangue palpitando. Já conheço todos os recursos para que eles se achem os tais, porque no dia em que perdem essa rigidez se tornam flácidos também de alma. Só elogiam minha beleza depois que gozam, quando ficam apalermados e eu os limpo com lenços de papel dos mais macios, parecem criancinhas indefesas, totalmente inertes. Nessa hora posso pedir o que quiser que me dão. Um até já disse que me daria uma fazenda, mas depois esqueceu. São sempre assim. Se esquecem fácil, basta gozar que se arrependem do que falaram e pensam logo na mulherzinha que tanto odeiam e que gostariam de encontrar morta em casa. Um dia me apareceu um senhor de cabelos brancos (nunca os chamo de velhos), chorou enquanto eu o sacudia docemente e nada saía de seu caralho seco. Chorou feito menino envergonhado, apanhado em flagrante pela professora. Sim, já fui professora de jardim, mas o salário não dava. Ainda leio enquanto espero os meus clientes, que de vez em quando me dão bolo, como agora. Sou líder comunitária do lugar onde moro, dois ônibus até chegar a esta minha salinha, onde basta uma cama de hospital que ganhei de um enfermeiro a quem dei bons sacolejos por anos inteiros e no final me deu só essa cama, cuja cabeceira nem se ergue mais de tanta ferrugem. E tem mais esta: na hora H, todos erguem a cabeça para ver o gozo fluir e espirrar perto do peito, os sacanas. Ontem mesmo um senhor chorou em minha cama, e me contou que era a primeira vez que procurava uma mulher depois que lhe arrancaram a próstata, e agora constatara que nunca mais seria homem. Veio só por isso, pela fama que se espalhou a meu respeito, que recupero caralhos murchos. Consolei-o. Eu falei que a vida é assim mesmo, senhor X, um dia tudo acaba. Aqui ninguém diz o nome verdadeiro, nem mesmo o meu eu digo. Ele elogiou minha beleza, minha cor vibrante, enquanto sambo aqui entre um estertor e outro desses desgraçados. O senhor X gostou do que eu disse e deixou uma boa gorjeta. Sei que é dos que não voltam mais, ficam envergonhados de sua brocheza eterna. Outro fala mal da mulher enquanto eu agito sua carne mole, diz horrores

da tal, que é uma galinha, que o engana com o menino da vizinha, uma insaciável que nem a pica de um cão daria conta. A este chamo de senhor Z, um senhor calvo, meio sem graça quando tira a roupa porque a barriga cai ainda mais sem o cinto. Os homens têm isto: se envergonham mais do próprio corpo que as mulheres. Todos gostariam de ser perfeitos. Justificam-se, falam que não têm tempo para a academia, estão fora de forma. Digo qualquer coisa, “que nada, o senhor está ótimo”, pergunto sempre a idade e digo que parecem ter dez anos menos. Nunca deixo de tratá-los bem, é sempre “senhor”, porque senão os mais ousados querem meter a mão em mim enquanto choram de gozo. Afasto o corpo e dou logo a entender que a via não é de mão dupla. Eu fico na minha, não gosto que me toquem, me desconcentro, perco a direção. Olho bem nos olhos do cliente enquanto o massageio com óleos baratos, desses que a gente compra aos litros nas lojas de atacado. Geralmente são óleos fedorentos, os de amêndoa são os piores, e torço para que cheguem em casa e suas mulheres sintam que andaram em lugares como este meu. Alguns fecham os olhos e penso até que dormem, mas quem consegue dormir com uma mão percorrendo as mais finas cordas dos nervos que se encontram na ponta de um cacete? Aquele homem da próstata arrancada voltou outra vez, e não é que consegui deixá-lo um pouco mais encorpado? Ele ficou tão feliz, são tão tolos os homens, colocar toda a sua vida e alegria nuns centímetros de carne que mais cedo ou mais tarde o tempo se encarregará de transformar num farrapo de nervos mortos... Não ficarei fazendo um inventário de todos os que se deitam em minha cama enferrujada. São todos homens sérios, gentis e raramente belos. Os belos devem cantar em outra freguesia. Apareceu um deus um dia desses, corpo de academia, mas, coitado, tão maldotado, tão minúsculo, que tive pena. Claro que levo tudo a sério, e não sorri nem o consolei. Nesses casos, o melhor é ficar calada. Falo banalidades, que gosto dos corpos atléticos, são mais fáceis de manipular, bem o contrário dos dos velhos flácidos. Amo os velhos flácidos porque não ousam mais, enquanto os jovens querem enfiar seus dedos em mim, mesmo por cima da calça jeans que não tiro por dinheiro nenhum. O máximo que faço é mostrar os peitos para que os mais desiludidos se inflamem e soltem alguns palavrões para se excitar. Alguns me pedem que eu não pare de dizer termos chulos com a voz bem doce, bem suave, como a de uma mãe que acalenta o filho. Quando querem mais alguma coisinha, que já sei bem o que é, digo que não faço penetração nem sexo oral. Me cuido, sei lá por onde anda tanto caralho, doença do mundo pega fácil. O da academia nem conseguiu gozar, ficou inibido, pagou, deu mais do que cobro, como se eu fosse esquecer o fiasco com alguns reais a mais. Poucos voltam, mas os que voltam são fiéis. Ontem mesmo ganhei chocolate de Páscoa, meio atrasado, é verdade, já estamos no fim de abril,

liquidação na certa, bombom barato, via-se pela caixa, mas ele se lembrou de mim, um senhor que me parece de boa família, de paletó e gravata, cara triste e chorosa, que não se conforma em ter sido abandonado por mulher e filhos depois que perdeu um cargo importante e a renda caiu. Ainda bem que sobrou alguma para me procurar. Esse também me dá boas gorjetas, sobretudo quando consigo escorrer uma lágrima do prazer que lhe dou. Não deixo que as mágoas se avolumem em minha cama porque senão não trabalho, ficarei ouvindo o dia inteiro esses picas moles, e eu quero é dinheiro, preciso de dinheiro para sustentar minhas duas filhas. Sou jovem, tenho corpo bom, magro ainda, fui convidada uma vez para ser modelo, mas na época era casada, o marido não deixou, mas me largou dois anos depois na rua lamacenta do meu bairro triste e aí tive de me virar, e virei essa coisa que fede a porra que me acompanha desde mocinha, e penso que quem está ao meu lado também sente esse fedor. Por isso tomo banhos demorados, me esfrego várias vezes por dia com bons sabonetes líquidos, mas parece que o cheiro nunca mais vai sair de mim. Como sanduíche com cheiro de porra, tomo picolé com cheiro de porra, frango para mim é o que tem mais cheiro de porra, sobretudo na coxinha com catupiry. O cara marcou às duas e meia, já são mais de três, esse sempre pede para não receber ninguém meia hora antes, é figurão político e tem medo de trombar com algum conhecido deixando minha sala. Nisso, perdi dois clientes. Acontece muito, marcam e pensam que com gente como eu qualquer hora é hora. Meu único consolo é quando olho pela janela e vejo a pretinha do prédio em frente arrumando os sacos de lixo na calçada.

Reencontro

Reencontramo-nos depois de quarenta anos, na porta da minha casa. Eis aí um fato que nenhuma vidente seria capaz de prever. Nem mesmo dona Ilena, a que nunca erra. Pois ali estava ele, sentado no banco do carona, o olhar para o alto, como se já estivesse morto. Confesso que não o reconheci logo, todo outro, diferente daquele que me dedurou e que me fez sofrer durante uma noite numa sala, com um holofote na cara. Viram logo que eu não sabia de nada, eu era tão inocente de política como qualquer recém-nascido. Foi a sobrinha dele, a Marga, quem o trouxe, não sei se a pedido dele ou por iniciativa dela, porque ela era muito minha amiga, aproximou-se até demais de mim, e eu sabendo de quem ela era sobrinha, mas nunca lhe falei do que ele tinha me feito.

Eu tinha notícias de que ele estava sofrendo de sérios problemas neurológicos e ia terminar seus dias em cima de uma cama, sem poder mexer um músculo, duro como foi sua alma naqueles anos, denunciando quem ele achava que devia ser denunciado. E o pior era que eu nem sabia quem era Marx direito e jamais leria *O capital*. Até que tentei depois, mas não entendi nada e logo abandonei. Tudo porque eu era amigo de uma agitadora chamada Eulina Lúcia, mas era apenas amigo, nada mais, jamais partilhamos das mesmas ideias. Claro que ela queria que eu entrasse na luta, mas nunca tive vocação para sofrer, bastavam minha infância e adolescência numa casa escorada. As duas coisas que eu mais queria então era ter uma casa sem ameaçar cair à menor chuva e consertar meus dentes. Fora isso, que Karl Marx se fodesse, que não era da minha conta. Mas o monsenhor não sabia disso e por pouco não fui parar no pau de arara e nos choques elétricos, como alguns conhecidos.

E ali estava ele, o monsenhor Calatrava, olhando para o alto, como se tivesse se descangotado com um forte puxão no pescoço, igual ao que minha mãe dava nas galinhas nos dias em que a gente não tinha o que comer. Ela ia para o quintal e escolhia a mais gordinha e treco, pescoço desconjuntado num segundo. Parecia que o monsenhor tinha passado pelas mãos de minha mãe. Fiz questão de ir falar com ele, ver se ele me reconhecia. Quarenta anos, pensei comigo, o que a vida não faz

em quarenta anos! Só não faz coisa boa. Não, eu não lhe diria nada, não ia ser agora, aproveitando a sua mudez, a doença que o deixava praticamente inerte, que iria lhe jogar na cara que ele estava tendo o que merecia, que a gente paga aqui mesmo tudo o que faz. Ele era muito sacana, diziam coisas dele que prefiro não repetir. Ainda tenho resquícios da educação católica que recebi dos salesianos.

O monsenhor me olhou com o mesmo olhar duro de quarenta anos atrás e, tirando as sobrancelhas muito pretas (ainda seria um resto de vaidade ou a Marga as tinha pintado para lhe dar aquele ar de palhaço?), era um quase cadáver que nem valia a pena chutar. O rosto estava alvíssimo, de tanto protetor solar. Marga, muito animada, dizia “É meu amigo Tônico, cumprimente ele, tio!”. E ele parado, olhando para longe, para além de mim, talvez alguma nuvem interessante formando algum instrumento de tortura no céu. De repente, foi como se o tempo o revestisse de juventude, e eu o vi todo jovem, bonito até, a voz possante, gritando contra todos que estavam querendo destruir o país com ideologias alienígenas, debaixo do calor inabalável da catedral. E vi nos seus dois olhos endurecidos pela doença a mesma ira de Moisés com as Tábuas da Lei na mão. Ele ainda não estava morto, e eu não o queria morto, queria que ele ficasse assim, olhando para mim o tempo todo do mundo, que se lembrasse de mim, eu tão pobre, com meus dentes carcomidos, agora todos inteiraços, com as melhores coroas de porcelana, rindo para ele. Achei que Marga o tinha trazido para que ele purificasse os sentimentos ruins que iam provavelmente de uma ponta a outra daquela vida que estava se acabando numa rigidez a que o cadáver dele não teria muito trabalho em dar continuidade. Apesar de minha casa simples, ainda os convidei para entrar, mas Marga disse que não, estava dando o passeio da manhã com ele, a vitamina D etc. etc. — ela falava sem parar —, sempre o levava para ver o mar, e se lembrara de mim. Não sei até hoje se ela sabia da antiga relação que eu e seu tio tivemos. Mas acho que não. Ou, quem sabe, ela que também nunca se dera bem com ele, porque tinha se divorciado e ele não tolerava mulheres sem marido, que comparava às putas do Vaticano, lá do mercado. Era assim que Marga me contava, nas poucas vezes que falava dele quando vinha até minha cama. Aquecia-se comigo e nessas horas se esquecia de que era sobrinha do monsenhor Calatrava. Pensei na hora: ela o trouxe de pura sacanagem, só para maltratá-lo mais ainda, porque a gente nunca sabe o que vai no coração dos outros, sobretudo de uma sobrinha ressentida ou de uma mulher que a gente abandona sem dizer adeus. Eu não queria pensar mal dela, mas a figura do monsenhor só me trazia pensamentos azedos.

Foi quando eu vi nos olhos dele uma raiva sem idade, como se tivesse me reconhecido. Parecia que ia falar, mas não podia, felizmente não podia, senão me

destrataria ali, de comunista para baixo, como fazia nos seus sermões sem fim. Ele ainda não estava morto, o que era uma pena, não estava morto e pelo jeito ainda ia demorar bastante, ocupando um espaço sobre a terra. Essa Marga é sacana, pensei comigo, ela quer apressar a morte do tio, afinal ele era rico, tinha até dinheiro na Suíça, diziam, e além do mais ela era sua única herdeira. A raiva nos olhos dele contrastava com a mão seca no ar, como se tangesse uma mosca impertinente, mas eu achei que ele queria era tanger as lembranças ao ver no meu rosto já bem envelhecido o do rapaz que ele soube que se cagou e se mijou todo naquela noite, completamente nu, na sala do batalhão. A mão dele, com muita dificuldade, ultrapassou a janela do carro e se aproximou da minha, querendo tocá-la. Marga falou: “Aperte a mão dele, Tônico, ele está lhe cumprimentando”. Marga continuava muito ruim de regência. Fui despertado pelos dedos dele, mais gelados do que as rãzinhas que eu pegava em criança nas poças d’água da Jabutiana.

Depois de me tocar os dedos muito superficialmente, o monsenhor recolheu a mão, os olhos sempre cravados no céu, a boca aberta, dura, como se tivesse uma batata invisível dentro. Marga parecia tensa, como se tivesse preparado tudo, talvez um último pedido dele, quem sabe, pedira para visitar seus antigos indigitados para poder morrer em paz. Quando olhei para ela, vi que chorava, uma lágrima descia pela aba do nariz. Ela fez questão de que eu visse aquela lágrima. O monsenhor voltou a cabeça para a frente, como se aquele gesto fosse a dica para o motorista dar a partida. Em mim, os mais estapafúrdios sentimentos. Eu não sabia se perdoava ou se o mandava de vez para o inferno.

Tia Lala

Uma semana de cama e tio Eunápio revelou por inteiro sua velhice. Os cabelos que eram negros de tintura embranqueceram de repente, caídos sobre os olhos pisados, e a testa se vincou de um jeito que nenhuma plástica, por mais benfeita que fosse, a faria voltar ao normal. A gente entrava no quarto e tinha pena. Tio Eunápio, tão faceiro com as meninas, sempre galanteador mesmo já entrando nos setenta! E agora até os cabelinhos da venta lhe pregavam uma peça, apontando brancos. As sobrancelhas então, aí que a coisa pegou, brancas, tufo branco que antes ele encobria com tinta de um bastão que encontramos dentro de sua *nécessaire*, quando ele pediu para ir pegar uma tesourinha. Quando ficou melhorzinho, pediu um espelho. Quase chorou de desgosto. “A vida é mesmo uma cachorra azeda”, ele falou. Pediu para a gente guardar todos os retratos dele que estavam pela casa, em molduras bonitas que ele fazia questão de pagar caro nos melhores vidraceiros da cidade. A gente olhava tio Eunápio no retrato, comparava com o da cama e via que a vida era mesmo aquela cachorra azeda da qual ele tanto falava.

Mas tudo na vida tem dupla face. Quem nos fazia ver isso era tia Eulália, irmão de tio Eunápio. Digo irmão porque tia Eulália era do outro lado. Desde pequena sentia atração pelas meninas do colégio, e tio Eunápio ficava envergonhado dela, uma irmã que se vestia como menino, que se gabava de ter pentelhos, coisa que nenhuma menina faz. Ao crescer mais, só ia para todo canto com uma coleguinha da oitava série e foi aquele escândalo na família, até dormir juntas dormiam, completamente nuas. Ela assumiu tudo, pois desde então só se referiam à tia Eulália como ele. Quando crescemos e passamos a entender as coisas do mundo, tia Eulália, a quem chamávamos de tia Lala, se revelou para nós a pessoa mais divertida e mais cabeça-feita da família. Se uma sobrinha dava logo para o namorado, se perdia, como diziam na época, ela nem estava aí. Enquanto as mães se descabelavam, a filha não ia poder casar de branco, não ia poder usar a grinalda que vinha da bisavó, a bivó Torinha, seu nome verdadeiro era Vitória, tia Lala dizia, “Fez muito bem, minha filha, isso foi feito pra dar, só que botam tanta coisa

na cabeça da gente que quando acontece a gente pensa que um tornado vai arrastar tudo”.

Mas, voltando à outra face das coisas, tia Lala falou que uma boa doença torna doces os corações mais ácidos. Ninguém sabia do que tio Eunápio fora capaz na juventude. Ficou inimigo dela quando na faculdade ela tomou a namorada dele. “Tinha culpa se meu borogodó era melhor do que o dele?” Tio Eunápio ficou inimigo e não casou nunca porque seu amor era a Landinha, a bela Iolanda, de “olhos verdes tentadores, cara cheia de alegria, um beijo da tua boca me sustenta todo dia”. Ele que fez esses versos, seus únicos versos na vida, que a família inteira sabia de cor e zombava dele em todas as ocasiões que tinha a seu alcance. Ele diz que não se casou por desgosto, mas tia Lala torce o bico, diz que só mesmo um doente fica o resto da vida curtindo uma paixão que não deu certo.

Tio Eunápio se isolou da família e só agora voltara a procurar, e tia Lala a cuidar dele com o maior carinho. Iolanda depois se bandeara para um homem, e aí foi a vez de tia Lala sofrer feito o cão quando soube que tio Eunápio soltara rojões por toda a Jabutiana, comemorando com os amigos a separação. Landinha se deu mal na vida, o tal marido era um veado que todos os meninos já haviam comido na beira do rio Poxim e só ela não sabia. “Pelo amor de Deus, Landinha, até as galinhas sabem”, foi o que disse tia Lala para a ex-namorada. Dali em diante, tia Lala desbandeirou, foi morar no Rio, teve casos com gente famosa, atrizes da tv que ninguém diz que gostam de uma buça, é assim que ela fala, sem dobras na língua, e a gente adora saber essas coisas. Diz que a mais gostosa é uma cantora que parece mulherzinha, mas na cama é um falcão, só falta tirar lascas com os dentes das partes moles do corpo. “Fale mais, tia Lala”, a gente pede, e ela fala que também papou muito homem, mesmo sem ter muito gosto pela coisa, porque gostoso mesmo quem faz é mulher, que sabe como mandar bem, que “homem só quer saber de enfiar a vara e gozar feito um jumento”. Quando ela está no melhor de suas histórias, tio Eunápio grita lá do quarto e tia Lala nem se apressa, diz que ele pode esperar, não vai ser só por causa de uma fralda mijada que ele vai entregar a alma.

Maria Montez

Maria Montez parecia uma gata. Quando menos se esperava, lá estava ela, de barrigão de novo.

“Onde você arruma tanto menino, Maria?”, perguntava minha mãe.

Ela nunca respondia. A única coisa que contava de sua vida era que tinha sido dançarina de circo e, quando o circo acabou, ela saiu pelo mundo atrás de seu Barriguelo, que ficou com o dinheiro dela. Ninguém jamais soube quem era esse tal de Barriguelo. Um nome assim só podia ser invenção da cabeça de Maria Montez. E também não dava para acreditar que aquela mulher de barriga grande e mole podia ter sido dançarina um dia. Só o nome era de artista.

Para nós Maria Montez era apenas a desmiolada da rua. Tinha um riso calmo, nunca respondia nada se alguém a machucava. E como a gente machucava a coitada! Quando ela punha mais uma criança no mundo, ficávamos procurando para ver de quem era a cara. Não havia um só de nós que não tivesse ido com ela. A sorte que a criança já nascia fraquinha e em pouco tempo morria. Não demorava nem seis meses e Maria Montez já estava de barriga nova.

Ela vivia para cima e para baixo, comia na casa de um, na casa de outro, sempre silenciosa e risonha, os cabelos louros bem ralinhos, os dentes acavalados uns sobre os outros, cheios de limo. Todo mundo se perguntava quem tinha coragem de pegar uma abobada daquela e lhe deixar um filho na barriga. Minha mãe dizia que era muita falta de piedade. Nessas horas, saíamos devagarzinho, cada um sabia de sua culpa. Quando lhe perguntavam quem era o pai do menino, ela apontava o primeiro que estivesse à sua frente. A gente dava de banda para dizer que não tinha nada a ver com ela. Podia ser de todo mundo, logo, de ninguém.

A barriga de Maria Montez crescia primeiro devagar, mas depois de seis meses ela já não se aguentava mais, até que um dia ela sumia e quando voltava nem parecia que tinha parido. A barriga continuava grande e mole, e ela, mais abobada que nunca. Da última vez, nem chegou a trazer o menino. Disseram que tinha ficado lá mesmo no hospital. Tinha nascido muito fraco.

Maria Montez voltou para o seu barraco na beira do rio, mas nem pôde entrar.

Uma família inteira estava morando nele e botaram ela para correr. Minha mãe, que tinha pena de tudo, ainda deu abrigo a ela por uns dias no quartinho do fundo do quintal, mas Maria não sabia nem cagar no vaso e emporcalhou todo o chão do banheiro. O fedor não largou nem mesmo com água de creolina. O jeito foi mandar Maria embora, mas ela nem ficou triste. Se foi com a mesma cara risonha com que tinha chegado, o cabelinho ralo agitado pelo vento que nunca para de soprar vindo da praia.

Foi meu irmão Carlito quem contou para todo mundo. Disse que tinha visto Maria Montez tomando banho e ela estava toda raspada. Tinham feito aquilo no hospital, ele falou. A gente nem acreditou. Rasparam por quê? Quem lá sabia! Maria Montez nunca se fazia de rogada quando a gente pedia para ela levantar a saia. Levantava na maior simplicidade, sempre rindo, na maior inocência.

Numa tarde, depois da escola, fomos tirar a limpo a história de Carlito. Éramos cinco. Juntamos umas moedas para dar em troca, caso ela não quisesse mostrar, ela não resistia a um tilintar de moedas. Fomos encontrar Maria no seu novo barraco, barraco mesmo, não, parecia mais uma arapuca. Ela agora morava dentro de um poço seco que tinha coberto com umas palhas de coqueiro que nós chutamos para ver se ela estava dentro. Como não estava, fomos andando e vimos que ela estava no rio, se lavando do seu jeito.

Assim que nos viu, Maria Montez veio ao nosso encontro, achando que a gente queria alguma coisa com ela. Foi logo se deitando no chão, se abrindo toda, como sempre fazia. Na cara, o riso bobo que nunca abandonava. Como já estava nua, vimos que Carlito não tinha inventado nada. Era como se ela tivesse voltado a ser menina. Daquela vez ninguém teve coragem de fazer nada com ela. O umbigão inchado na barriga mole parecia mais o olho na testa de algum gigante, com a boca escancarada, pronto para nos engolir.

Batatas bravas

Tudo começou no *Jornal Nacional*, quando uma reportagem mostrou o mercado municipal e um comerciante pesando um leitãozinho tão lindo, os olhos fechados, já sem a pele, da cor de caramelo. Dona Magdala se sentiu mal pela primeira vez. Aquele leitãozinho de olhos fechados iria persegui-la a noite inteira e outras noites mais. E o pior era o entusiasmo do repórter, mostrando aquele corpinho luzidio cercado de folhas de alface.

Era muita malvadeza dos humanos sacrificar animais para degustar entre risadas e muito vinho tinto. Dona Magdala perdeu a vontade de comer qualquer tipo de carne que lhe lembrasse sacrifício. Até os frangos estariam de agora em diante proibidos no seu cardápio. Viraria vegana, das mais radicais, e ninguém entenderia nada quando se lembrasse que ela era a mais entusiasmada diante dos espetos sangrentos das churrascarias.

Naquela noite, a cada convidado que ia chegando para a sua ceia, dona Magdala queria dizer, assim que o recebia na porta, que estava muito triste, vontade de perguntar se alguém tinha visto a reportagem com o leitãozinho no *Jornal Nacional*. Para não ser desagradável, ela desistia da pergunta, mas seu peito doía tanto que ela se refugiava no banheiro para chorar um pouco. O marido ficava então no lugar dela para receber as pessoas, e ela voltava, a cada vez, com alguma coisa solta por dentro, como se fosse vomitar o que ainda nem tinha comido.

A imagem do leitãozinho vinha cada vez mais forte, como se fosse um bebê sacrificado em algum ritual numa tribo infame. Vinham também à memória fotos de crianças mortas nas guerras do Oriente Médio, os pais exibindo-as para as máquinas fotográficas, os corpinhos cercados de flores, envoltos em mortalhas brancas, só o rostinho azulado à mostra.

Tudo foi se tornando para ela uma dor tão grande, como ela só sentira quando vira o filho atropelado na rua por um motorista bêbado. Comparar o filhinho com o leitão era um despropósito, ela sabia, mas foi a primeira imagem que lhe veio à cabeça quando viu o comerciante pesando alegremente o porquinho tão lindo, de olhos fechados, como se estivesse apenas dormindo e fosse se levantar da travessa

e sair roncando cheio de vida.

Dona Magdala não andava muito bem nos últimos tempos. Era sempre assim quando se aproximavam as festas de fim de ano, só que ela nunca tinha visto aquela coisa triste sendo pesada numa balança ao vivo e em cores, uma coisa que não era coisa, pois até um dia antes era um ser cheio de vida, inocente do que o aguardava, e o que o aguardava era a mesa de pessoas que não o mereciam.

Dona Magdala tomou então uma decisão na hora: não serviria naquela noite nem nunca mais o assado de porco com batatas bravas que estava no forno. As pessoas sentiriam falta, perguntariam por que ela não preparara o prato que a tornara tão famosa. Muitos só vinham mesmo para comer aquele *rôti* com seu acompanhamento e agora iam sair frustrados.

Ao sentarem-se à mesa, dona Magdala fez as orações de costume. O marido era também muito religioso, rezavam sempre juntos, num canto da sala, todas as manhãs, diante da imagem de Nossa Senhora da Luz.

Todos já sentados diante de seus pratos, o peru enfeitado com ameixas e cerejas, dona Magdala quis tocar no assunto que tanto a maltratava desde o *Jornal Nacional*. Quando ia perguntando se alguém tinha visto Patrícia, não conseguia chegar ao “Poeta”, porque um dos comensais já elogiava com a boca cheia a farofa de azeitonas negras, e ela se conformava em cortar mais uma fatia da carne do peru enorme, que lhe dera também tanto trabalho.

Foi a cunhada que perguntou pelo assado de porco com batatas bravas. Dona Magdala não gostava dela e teve vontade de lhe perguntar por que não trouxera um de casa. Aquele prato não era para qualquer um. Era preciso deixar o porco marinando durante 24 horas na cerveja preta e depois ir dourando-o lentamente, lentamente, até adquirir aquela cor que lhe rendia tantos elogios. As batatas bravas, melhor nem falar, dava até preguiça pensar no seu modo de preparo.

Dona Magdala se limitou a comer silenciosamente e não sabia se ia aguentar outra pergunta sobre seu prato ausente. Não ia. Ele estava pronto, lá no forno, e lá ficaria até que a empregada o encontrasse e o jogasse fora, já coberto de vermes.

Foi o próprio marido que falou que ela estava estranha, que tomasse um cálice do *sauvignon blanc* que melhorava. Ela, no entanto, não queria melhorar. Sua vontade era gritar para todo mundo ali na mesa que todos não passavam de um bando de gente insensível que sai de casa para devorar o que não deveria jamais ser devorado. Pela milésima vez, ela tentou falar da reportagem e começou logo com “Patrícia Poeta”, para ver se o nome inteiro lhe daria forças para continuar falando do leitãozinho morto, que àquela altura ela já achava que era seu filho. Alguém ainda falou “linda moça”, e dona Magdala se calou porque as vozes se cruzavam e não a deixaram completar o pensamento. A sorte que alguém

derramou vinho na toalha e ela correu até a cozinha para pegar uma folha de papel-toalha com um pouco de sal para jogar na mancha, porque depois seria difícil tirá-la.

Na cozinha, amparou-se na pia para não cair, sabia que, se caísse, o jantar estaria terminado. A imagem do leitãozinho era agora a do filho, o Juninho, com duas azeitonas pretas nos buracos do nariz e duas orelhinhas tenras, boas de serem mastigadas, acompanhadas de um gole de *sauvignon blanc*. E ela achou que o *rôti* era um pedaço da coxa de Juninho, tão lindinho no caixão, todo rodeado de flores, o corpo tão morninho quando ela o segurou ainda na rua, para ver a frialdade ir se espalhando, até que ele a olhou fixamente sem mais vê-la. Dona Magdala não conseguiu segurar o choro e deu quase um berro, como o da dor diante do caixão entrando na gaveta do cemitério, naquela tarde tão feia de abril. As pessoas acorreram à cozinha e a encontraram vergada, com a mão na barriga, como se estivesse morrendo envenenada, agachada, diante do forno aberto. A pintura do rosto estava desfeita, os cabelos molhados de suor, como se ela tivesse acabado de correr uma maratona. Ela tentava falar da tristeza que é um leitãozinho morto numa balança de mercado, mas não conseguia.

O resto da noite foi de silêncio absoluto, todos na sala, um ou outro pigarro por causa do vinho que de repente se tornara seco demais, enquanto dona Magdala, deitada em sua cama, medicada por um dos convidados, tentava balbuciar as palavras que ficaram a noite toda presas em sua garganta, com a certeza de que nunca mais faria *rôti* de porco, com ou sem batatas bravas.

Gedeão

A Regina Volpato, que me permitiu contar essa história.

Agora ele já sabe que orar faz bem, e é o que mais gostamos de fazer juntos. Quando me aproximo, ele me pede para pegar a Bíblia que aprendeu a ler comigo. Antes era um ímpio. Eu leio e ele me escuta. Gosto de contar a história de Gedeão, que malhava o trigo no lugar errado. Eu digo então que tudo estava traçado, que não havia outro jeito, que a vida é assim mesmo. Se a moto derrapou na curva e ele foi jogado fora da pista, tudo foi vontade de Deus, que sempre sabe o que faz. Eu nunca falo “culpa de Deus”. “Deus não tem culpa”, diz o pastor, “Deus só age quando precisa.”

Depois do acidente, ficamos mais amigos, deixamos de brigar, faço tudo para ele e ele me ouve como nunca. Fazemos nossas orações pela manhã, outras à tarde e mais outras antes de dormir. O pastor não gosta, mas não consigo abandonar minhas orações que aprendi ainda menina, sobretudo a “Salve Rainha”, tão poderosa.

Quando acordo e vejo seu rosto costurado de um jeito torto, peço forças a Deus e sento a seu lado, mas não olho pros seus olhos. Ponho a Bíblia em sua mão, a boa, a que não perdeu os movimentos, e ele fica lendo os Salmos, me pedindo às vezes para explicar quando não entende. Antes do acidente ele era um, agora é outro. Parece que a pancada na cabeça o deixou meio desandado, chora por tudo e sou eu que o consolo. Às vezes ele não diz coisa com coisa, mas é um homem bom, isso ninguém pode negar, não encosta mais um dedo em mim. Antes era um horror, eu não apanhava mais porque corria, ficava o dia inteiro pela rua, ia para a casa de um, para a casa de outro, passava o dia zanzando pelas ruas, entrava num templo, entrava em outro, ficava sentada nos bancos das igrejas, até que veio o

acidente.

Me falavam, mas eu não acreditava. Eu era boboca, achava que homem que tem mulher em casa não procura outras. Diziam “Dona Selda, seu Martinho está saindo com tudo que é mulher”. Eu respondia, “Nisso me garanto, melhor do que eu ele não acha”. Mas que nada, parecia que ele tinha o cão no couro. No dia do acidente ele vinha da casa de uma dona, isso que me contaram.

Quando, depois de seis meses, ele levantou a perna e vi que estava curado, saí dançando. A vida só contava agora dali em diante, eu e Martinho, viva meu Deus, ele estava mexendo a perna dos pinos, foi tanto pino que dava para montar uma loja de ferragem. Só não botou no mindinho porque o doutor falou que o ossinho não aguenta, ficou com o pé torto mas pelo menos anda, comigo de lado amparando, mas anda.

Agora eu sei que ele dá valor a tudo. Antes vivia no jogo. Deixou até de fumar, beber, nem uma gota. Parece até que esqueceu os nomes das bebidas. Somos de Quixadá, nossos amigos estão todos lá: Geleia, Ricardo, seu Hermes, o Fabim, seu Dá, tudo gente boa, que sempre pergunta por Martinho. A gente se fala pelo Skype, vou na *lan house*, eles lá, tudo esperando para saber se Martinho está melhor, se ainda volta, mesmo com a perna desarranjada como ficou.

Agora ele está calminho, só sai de casa comigo. Acho que aprendeu a malhar o trigo no lugar certo. O ruim, quando saímos juntos, é que tenho de segurar o passo para ele poder me acompanhar. O acidente foi grave, mas foi a melhor coisa que aconteceu na nossa vida.

Agradecimentos especiais aos meus quatro leitores críticos, sem os quais este livro não existiria:

André Viana

Anna Maria Vasconcelos de Paula

Maruze Reis

Paulo Henriques Britto



PAULO HENRIQUES BRITTO

ANTONIO CARLOS VIANA nasceu em Aracaju (SE). Fez seus estudos literários na PUC-RS e na Universidade de Nice, França. Publicou *Brincar de manja* (Cátedra, 1974), *Em pleno castigo* (Hucitec, 1981) e, pela Companhia das Letras, *O meio do mundo e outros contos* (1999), *Aberto está o inferno* (2004) e *Cine Privê* (Prêmio APCA 2009). É também tradutor e autor do didático *Guia de redação: escreva melhor* (Scipione, 2010).

Copyright © 2015 by Antonio Carlos Viana

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Imagem da capa

André Viana

Preparação

Mariana Delfini

Revisão

Angela das Neves

Arlete Sousa

ISBN 978-85-438-0277-0

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br